



Provai e Vede
como o Senhor é Bom

5ª edição

Maria de Lourdes Prata Garcia

***PROVAI E VEDE
COMO O SENHOR É BOM!***

Compiladora

**Maria de Lourdes Prata Garcia
(Lóla Prata)**

6ª Edição Digital
Novos relatos incluídos
18 de março de 2014

Capa: André Prata
contato@andreprata.com

Revisão da 4ª edição: Wadad Naief Kattar
wakattar@gmail.com

Revisão da atual edição em Nova Ortografia: Lóla Prata
lola@pratagarcia.com

ASIN amazon standard identification number
B00INAA68A

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira de Livro, SP, Brasil)

Garcia, Maria de Lourdes Prata
Provai e vede como o senhor é bom / Maria de
Lourdes Prata Garcia. -- 4. ed. -- Bragança Paulista:
ABR Editora, 2009.

Bibliografia.

1. Cura pela fé - Estudo de casos
2. Oração -
Cristianismo I. Título.

09-01649

CDD-248.32

Índices para catálogo sistemático:

1. Oração: Prática religiosa: Cristianismo
248.32

Índice

APRESENTAÇÃO
AGRACIADOS
ABENÇOADA
LUZES
PASSARINHO VERDE
REVELAÇÃO
ÁGUA BENTA
SINAL
O LÍRIO
SALVA
ABORTO
O ANJO
AFORTUNADO
CRISTO NO CORCOVADO
VIDA MISSIONÁRIA
A MOSCA
RESPOSTA CLARA
O DOM DE LÍNGUAS
OTONIEL
IDADE
VAIDADE MÉDICA
ANGELITUDE
A VICIADA CRISTÃ
OS PUROS
EU VOS ESCOLHI
POR VÓS E POR VOZ
ELE PERMITIU, ELE RESOLVE
ATÉ NA BRINCADEIRA
GARANTIA
A ENTREGA
LUZ
AO MENOR DOS MEUS
PIZZA SABOR CÉU
SINAL DE MARIA
MOMENTO DE APOIO

**PALAVRAS QUE CURAM
TRECHO DE CARTA
A ROSA
A CRUZ DESENHADA
MIL NOVECENTOS E VINTE E CINCO...
APAZIGUAMENTO
COMBUSTÍVEL
DONA RAQUEL
MINHA MÃE MORREU
A VAGA
ORAÇÃO GRATUITA
SANTANA
FESTA INIGUALÁVEL
PERIGO
O SENHOR NOS OUVE
ANJO GUARDIÃO
A LUTA FOI GRANDE
COMO O SENHOR É BOM
TESTEMUNHO DE SOLANGE
DUAS XÍCARAS
UM ANJO FALOU COM ELA?
O TERÇO PERDIDO
O CIGARRO
INEXPLICÁVEL
A DAMA DAS ROSAS
BÊNÇÃOS GRATUITAS!
CINOMOSE
O TERÇO
DURANTE O TERÇO
ÁGUA DE POÇO
O PADRE
A VELA
NOSSA SENHORA NA MINHA SALA
ASSALTO E PROTEÇÃO DIVINA
A RESPOSTA DE DEUS
AJUDA CELESTIAL**

APRESENTAÇÃO

Tenho presenciado, sentido e ouvido o toque sensível de Deus que se revela em especiais momentos, toque esse, cheio de delicadeza e sutileza.

Procurei amigos que falam a mesma linguagem, partilham a mesma fé cristã esclarecida e me vi diante da graça divina percorrendo e acompanhando vidas felizes, vencedoras de algumas provas. Percebi que Deus se manifesta, na grande maioria dos casos, em ocasiões de tremendos impasses, de dramas fortes. Talvez, quando vivendo na alegria, nós não O busquemos com fervor, não sei...

Em redemoinho de emoções nas entrevistas e numa doce terapia de amizade, fomos nos conscientizando de que não estamos sós, mas de que Ele está vivo e é nosso companheiro de peregrinação. Na maioria dos casos, o encontro é simples mas, em todos eles, inesquecível.

O encontro ora se fez por um raio de luz, uma flor, uma nuvem, uma voz, uma pomba, um telefonema, um sonho, uma visão, uma canção, um olhar significativo, uma quente sensação de paz, um dinheiro inesperado, uma gota d'água, uma presença... As pessoas se permitiram contar segredos (alguns, antes guardados a sete chaves), para que este livro sacramente suas experiências com Deus e leve seus testemunhos a quem o ler.

Houve avaliações sinceras sobre o fato de não estarmos romantizando ou exagerando certas situações, como houve receio de que alguém nos julgasse orgulhosos em atribuir a nós mesmos, o mérito de sermos “protegidos e visitados” por Ele. Estamos conscientes porém, que a missão de profeta é espinhosa e incompreendida.

Escrevemos em vários estilos literários: narrativas, crônicas, contos, descrições, versos, para que a glória de Deus se manifeste criativamente, como Ele faz.

Reafirmamos nossa grandiosa, mas humilde intenção: contar que, no sentido de saborear, provamos e vimos como o Senhor é bom

e somos felizes porque n'Ele nos refugiamos! E, no sentido de provar (dar atestado), relatamos aos leitores como Ele se manifesta em nossa vida!

Quando esse livro já se encontrava na metade de sua composição, assisti à meditação que, indubitavelmente, assinala, resume e como que abençoa nossa intenção. Transcrevo-a nas páginas seguintes. Mais um sinal de Deus, Cristo Jesus, vivo e atuante! Amém!

Programa: O pão nosso de cada dia, pela Rede Vida de Televisão, às 18:20 horas de 8 de abril de 1996.

Meditação sobre o Evangelho de Mateus, pelo Padre Fernando José Coelho Cardoso, no dia seguinte à festa da Páscoa da Ressurreição.

Mateus 28, 5-10

Mas o anjo disse às mulheres:

- Não temais! Sei que procurais a Jesus que foi crucificado. Não está aqui: ressuscitou, como disse. Vinde e vede o lugar em que Ele repousou. Ide depressa e dizei aos discípulos que Ele ressuscitou dos mortos Ele vos precede na Galileia. Lá o haveis de rever, eu vô-lo digo.

Elas se afastaram prontamente do túmulo, com certo receio, mas ao mesmo tempo, com alegria, e correram a dar a boa-nova aos discípulos. Nesse momento, Jesus apresentou-se diante delas e disse-lhes:

- Salve!

Aproximaram-se elas e, prostradas diante d'Ele, beijaram-lhe os pés.

Disse-lhes Jesus:

- Não temais, ide dizer a meus irmãos que se dirijam à Galileia; pois é lá que eles me verão!

Diz-nos o evangelista que saíram do túmulo, apressadamente, num misto de medo, pavor e alegria...

A alegria não pode ser total nem completa, enquanto não se der o encontro definitivo com Jesus. Não bastam os anjos da Ressurreição; não são eles os protagonistas da história da salvação.

É preciso o encontro com o Cristo Ressuscitado...

E é, então, que Jesus, pessoalmente, lhes vem ao encontro e as saúda cordialmente. Então, sim, se enchem de alegria!

Até aqui, a narração do Evangelho.

Agora, a aplicação:

Para nós, dá-se a mesma coisa: enquanto ouvirmos falar de Jesus, enquanto outros nos transmitirem suas experiências, não teremos o nosso coração incendiado pelo fogo do amor de Deus.

É preciso que cada um de nós, repito, cada um de nós receba de Deus a graça de um encontro pessoal com Jesus ressuscitado. Aquele mesmo encontro que teve Paulo, inesperadamente, com Ele, nas portas de Damasco.

Então, sim, sairemos transformados, como sai transformado o metal frio ao contato com o fogo.

Então, sim, estaremos repletos do amor de Jesus Cristo.

Muitos de nós ouviram falar de Jesus Cristo. Ouvem falar de Cristo, diariamente. Mas, jamais, fizeram uma experiência pessoal, única e comunicável com Jesus Cristo. Para esses, não chegou ainda a luz e a graça pascal.

Nós podemos e devemos pedir a Deus que todos recebam esta graça e esta luz!

Mas, recebida a graça do encontro pessoal com Jesus e transformados por esse encontro, nossa missão não termina; somos, então, levados por Jesus a comunicá-la a outros irmãos para que, ajudados por nós, por nosso intermédio, também ele se aproxime deste encontro transformante, amoroso e glorioso com Ele!

Existe no Evangelho desta segunda-feira da oitava da Páscoa, um aspecto triste, trágico e contrastante: enquanto as mulheres se enchem de alegria, outros se enchem de pavor e correm para a cidade, a contar a desgraça, o inesperado... São os que montavam guarda diante do túmulo de Jesus.

Quem não está disposto a receber o Ressuscitado, quem não se dispõe interiormente, não o recebe e estes, meus amigos, não fazem outra coisa senão aumentar confusão àquela confusão interior que já lhes domina o espírito e o coração. Nós não queremos fazer parte destes. Nós queremos, como as santas mulheres, ir ao encontro de Cristo e, por isso mesmo, por sua intercessão e por intercessão das primeiras testemunhas do Ressuscitado, suplicamos a Jesus que nos faça de alguma maneira perceber, nós também, que Ele está vivo, vivo e bem perto de nós. Vivo e atuante em nossa vida, para conduzir-nos aonde Ele já chegou.

A todos vocês, mais uma vez, os nossos votos de Feliz Páscoa! Amém!

AGRACIADOS

Amilton Maciel Monteiro, Aparecida Euvaldo, André Prata, Dr. Nestor, Fabiana de Carvalho, Graziela Sanches, Ione Silva Rangel, José Gualberto Rocha, José Amicis Vasconcellos Diniz, Josefina Vasselai, Lúcia Silvério, Lóla Prata, Maria Auxiliadora, Maria das Dores de Barros Pimentel, Maria de Nazaré Serpa, Maria Edith Real, Maria Heloísa Pimentel, Maria Inês Guaglianone, Maria Thereza N. Diniz, Miguel Garcia Alves, Nadir Clara V. de Freitas, Norberto de Moraes Alves, Otoniel Cândido Oliveira, Pepita Prata, Ronaldo GO, Sérgio Prata Garcia, Solange Almeida, Therezinha, Valquíria Krieger, Vânia Peres, Vânia Rossini.

Em memória:

Irene Solha Pinheiro, Adhemar Real, Maria Augusta Vasconcelos Diniz, Madre Zilda Siqueira, Sula Magrini Lisa, Zuleika Sapag.

ABENÇOADA

Linda! Branca, com detalhes rendados no busto. Comprou-a. Pegou o táxi, segurando bem o pacote. Atitude cuidadosa, sinal do quanto se havia encantado com a nova camisola. O trânsito se congestionou. Causa: acúmulo de gente no adro da Igreja de São Judas. Como todo dia 28. Ela, devota, resolveu dispensar o carro e visitar o padroeiro. Chegou no momento em que o padre mandava erguerem os objetos para serem abençoados. Como não portasse nenhum rosário, nenhum livro de orações, suspendeu acima de sua cabeça, o pacote com a recém-adquirida roupa íntima. Cânticos e água-benta aspergida consolidaram a bênção. Feliz com o ato religioso, segurando com mais carinho o pacote, seguiu o caminho de casa. Guardaria a surpresa para a primeira madrugada do ano-novo, dali a três dias. Iria agitar o marido; ficaria como uma dama nobre no leito conjugal.

O *réveillon* aconteceu, regado a champanhe, na alegria do convívio familiar, na fartura. A madrugada ia adiantada, quando viram-se a sós. Misteriosa, com ares fatais, recomendou a ele que lhe desse um tempo, antes de subir ao dormitório. Banhou-se, perfumou-se e se incorporou à camisola de seduzir.

Quis arejar o ambiente com a brisa da madrugada e abriu a porta da varanda. Apavorada, viu nela irromper um homem bruto, visivelmente drogado e agressivo. Ameaçava-a com uma faca e exigia dinheiro, jóias, valores. Trêmula, fez a catança nas gavetas e entregou-lhe. O ladrão descontrolou-se, achando pouco. A zanga materializou-se numa facada feroz no peito da mulher. Sangue! Sangue na alvura do traje de noite. O agressor fugiu tresloucamente. Ela perdeu os sentidos.

A cena trágica se apresentou ao marido. Amparou-a nos braços, o que a fez voltar à consciência. Um estalido no chão chamou a atenção deles. Era a ponta de uma faca enferrujada e ensanguentada. Não houvera a perfuração no peito e sim, o desvio para uma costela

que, milagrosamente, aguentou o tranco, sem grandes prejuízos para a integridade física. O traje de pano escorregadio desviara o rumo da faca! Como uma peça sagrada foi depois lavada e recosturada. A camisola portadora de proteção celeste não era só uma veste de dormir.

Além disso, era abençoada!

LUZES

A discussão atingia o auge. Palavras fortes de ira enchiam o ambiente da casa. Ela se refugiara no quarto. Não queria confusão e nem se meter na briga do pai com a mãe. Realmente, não a interessava deslindar os liames entre amor e ódio. Preocupava-se mais em ser responsável na definição de seu próprio futuro. Era noiva do Betão, rapaz bem cotado entre a moçada da cidadezinha e, quando escutava os improperios do casal a se injuriar mutuamente, se assustava com a proximidade de seu casório... estaria escolhendo certo?

A briga estava indo longe demais. Até alguns vizinhos vinham de quando em quando à janela, atraídos por barulhos de quebra de pratos e gritos. Lúcia ouviu estalar de tapas e um baque surdo no chão. Saiu do quarto e viu a mãe segurando o rosto afogueado, ridiculamente estatelada no chão. Não a acudiu. Saiu correndo.

Correu até a catedral, onde se acomodou na frente, perto do sacrário. Lá, rezou, ressentida com todo o ocorrido e com a dúvida sobre seu destino. Betão já dera mostras de impaciência e de falta de diálogo e atenção, já no noivado... ; que dirá no casamento? Seria como seu pai, irritado? Lúcia conhecia seu próprio temperamento e sabia que se acovardaria perante um homem irascível. Implorou que Deus lhe indicasse o marido adequado às suas necessidades afetivas. Contri-ta, ouviu o organista ao primeiro acorde da marcha nupcial, ensaiando a canção. Seu jovem coração vibrou e seu olhar voltou-se. Ao invés do pianista, viu alguém entrando, contra a luz. A figura escura era a de um homem baixo, magro, miúdo, mas impressionou-a o brilho do sol em volta dele. Arrepiou-se toda. Sentou, quieta. O estranho aproximou-se, fez a genuflexão e acomodou-se perto do altar. A música encantadora inspirou-a e ela entendeu que aquele era o escolhido por Deus, para ela.

Na saída, se encontraram, sorriram... e se elegeram.

Faz mais de 20 anos que partilham a vida, como marido e mulher, no respeito a Deus e à missão de testemunhar o amor conjugal que deu certo.

PASSARINHO-VERDE

O casal caminhava pela praia. Praia Formosa, seu nome. Qualificativo exagerado; talvez, Praia Bonita se adequasse mais ao visual da pequena extensão em declive, num perene confronto com as ondas. O mar sempre vencia o embate, empurrando a areia sistematicamente para fora de seus domínios. A areia rejeitada se acumulava à margem e ia formando em aclave, uma barreira natural contra o poderoso agressor.

O homem e a mulher andavam apressados, regidos pela cadência de palavras duras, pronunciadas com exasperação. Na verdade, apenas ele falava e, como o mar, atirava contra ela, agressivamente, sua aspiração de livrar-se da opressão em que vivia. Ela, como a areia, solidificava as próprias opiniões, embora as calasse sob receio de enfurecer ainda mais, seu contendor.

O sol, indiferente, brilhava no firmamento sem lograr aquecer nem a areia, nem a água, nem o coração dos dois antagonistas. Alguns flocos de nuvens divertiam-se ao vento, formando imagens passageiras e ilusórias, ao jogo de luz e sombra.

Era outono e a Formosa não atraía ninguém, com seus limitados encantos. Apenas o casal, com a natureza ao redor, emoldurando a tentativa de descarte, proclamada e repetida pelo homem:

- Não dá mais certo... não aguento essa vida... ciumeira maldita... você me atormenta, me acusa... eu não me interesso por nenhuma outra mulher... você encasquetou... é insanidade... é doença...! Acabou! Não vejo a hora de virar as costas; não tenho mais nada com você!

A mulher conhecia de cor a cantilena. Vinha sendo dita há anos. Apesar disso, sentia tristeza e chorava a cada explosão de fúria, amargando a desilusão compulsória que lhe destruía as reservas energéticas de amor conjugal. Era intensa a vontade de permanecer ao lado dele... até que a morte os separasse... ou até que ele cedesse aos manifestos impulsos de busca daquela outra, sempre tão compreensiva e

prestativa , dez anos mais jovem... dez respeitáveis anos mais jovem... que ela, a esposa.

Reconhecia nele, os sinais delatores de encontro: chegava alegre, cantarolante, agradava-a, sentava-se a seu lado no sofá, como demonstração transparente de transferência para a esposa, do alento amoroso recebido num simples ver e falar com alguém que se quer bem. A esposa concluía:

- Hoje ele viu passarinho-verde!

E buscava confirmação:

- Você conversou com ela, hoje?

A resposta afirmativa vinha cercada de impropérios que magoavam e acovardavam a mulher, eliminando qualquer possibilidade de diálogo esclarecedor do conflito:

- Conversei, sim, por quê? Vai recomeçar? Inferno... estava me sentindo tão bem... e lá vem você envenenar tudo. Burra! Sabe que você é burra? Depois de velha, ficou com mania de me pajar... vou embora desta casa...!

O desabafo prosseguia com rogos de pragas à esposa ciumentata que ousara adivinhar a fonte e o motivo da euforia.

Deus testemunhava seu esforço para calar... perceber e calar, pacientemente; de engolir e digerir, desconfiar de si mesma, culpar o climatério... distrair-se nas leituras... escrever aos presos e idosos... cuidar de órfãos, visitar os doentes, pregar o Evangelho, consolar os aflitos, cozinhar banquetes, plantar flores, nadar e mergulhar, rezar, dançar e declamar!

Nada melhorou! Todas as noites, o comprimido para conciliar o sono... e o copo d' água na cabeceira, para molhar os lábios ressequidos pelo remédio e pelo vazio de beijos. Na manhã seguinte, enfrentar outro pesadelo, em vigília, do ostensivo desprezo silencioso do amado. Tudo isso estava com eles na Praia Formosa... tudo isso... O passeio fora planejado na perspectiva comum de um reencontro, no teste de uma reconciliação duradoura ante o abismo que se abria entre o casal. Ele deveria largar as penas verdes e ela, confiar nele.

Fácil!

Fácil? Amadurecer no amor, esquecer as lembranças negativas, confiar apesar das evidências, resolver os impasses em tolerância exemplar? Tentaram... e lá estavam os dois, porém, no mesmo teor domiciliar, caminhando sob o embalo das ofensas: ela, sendo menos-prezada; ele, mais injuriado que nunca, pelo ciúme da esposa...

A inclinação da areia dificultava o andar e a coluna vertebral ia se ressentindo da má postura, enquanto a psique se conturbava com a terrível ladainha. A mulher foi se entregando às emoções, frágil, cansada...

Deixou-se cair suavemente sobre o frescor de umidade contida na areia. Interrompendo as lamentações do esposo, disse-lhe, em voz quase inaudível:

- Fico por aqui, descansando... vá... está livre! Deixe minha bagagem no hotel; depois resolvo minha vida. Adeus!

Ele, nervoso, deu de ombros e foi se distanciando. O sangue de macho-guerreiro ofendido afogueava-lhe o rosto, denunciando a subida da pressão arterial, ascensão perigosa que não o impediu de concluir:

- Fique aí mesmo; não tenho mais nada com você!

O mar continuou batendo na areia. O sol anunciou que estava farto de brilhar e escondeu-se nas nuvens. A mulher inerte, ainda se oferecia ao astro, implorando por raios benfazejos a fim de quebrar o frio que lhe invadia o corpo e a alma. Os lábios entreabriram-se na recitação de um salmo que brotou de sua memória e de seu coração:

Do fundo do abismo, clamo a Vós, Senhor!

Senhor, apressai-Vos em me socorrer!

Não soube por quanto tempo permaneceu estática, apoplética, sob o choque e o trauma da ruptura. Ao reabrir os olhos, viu... viu-o bem perto: um homem preto, feioso, trajando um surrado terno, também preto, sobre a pele sem camisa. Não usava gravata nem sapatos. O indivíduo assustador sorriu-lhe com expressão serena e doce, revelando no próprio semblante, inusitada e cativante beleza. Um instante mágico e logo o estranho retomou a caminhada, deixando-a imersa em curiosidade. As pegadas na areia se desmanchavam assim que o ho-

mem passava. Como num milagre, a amargurada transcendeu as preocupações e ressuscitou das humilhações, em paz e em disponibilidade de perdão. Continuou observando a sombra do negro até que desaparecesse no horizonte. Levantou-se confiante em seu destino, segura da retidão de suas intenções e exigências de fidelidade. Divisou a figura do marido chegando, esbaforido:

- Viu o que você me aprontou? Sozinha nesse deserto... viu o perigo? Aquele maluco de terno deve ser um bandido... poderia assaltá-la, estuprá-la... sei lá o quê... você só me arruma enguiço... O quê o sujeito lhe falou?

- Nada... apenas... sorriu, me transformou, e passou. Acho que era... um anjo!

- Anjo? Anjo, coisa nenhuma... anjo sou eu, que aturo seu ciúme! Anjo negro... e feio? Ah, agora deu para loucuras!

Tomou a esposa pela mão... e levou-a com ele!

REVELAÇÃO

Ia descontente, suando a cada passo, em direção ao alto da ladeira. O sol despejava exageradamente seus raios, o que a irritava.

Desejaria estar no frescor de sua casa e lá, quieta, digerir seus desajustes conjugais, equacionando a grave crise.

Preocupava-se muito com o desemprego do primogênito, com a vida sentimental da filha, agora de paixão por um delinquente e com uma provável viagem aventureira do terceiro filho. Tempo para si mesma, porém, era o que menos tinha: compromissara todos os minutos disponíveis perante o Juizado de Menores na ajuda ao orfanato em intervenção judicial.

- Horrível essa cidade com tantos altos e baixos. - resmungou, sentindo o hálito amargo.

Era um dia de dezembro, verão, e a cidade já se enfeitara para resplender as peculiaridades de ambiente natalino. O orfanato ao qual dispensava seus préstimos havia recebido refrigerantes, panetões, doces, presentes e seria naquela tarde a distribuição à criançada, no salão para onde se dirigia.

O asfalto quente deixava a atmosfera ondulante e os prédios altos refletiam o brilho do sol com igual intensidade, duplicando-se na arquitetura simples e monótona. Passou pelos portões escancarados e reparou como havia se atrasado para a festa; não havia mais ninguém lá fora. Os jardins do salão exibiam margaridas e folhagens e um espaço de grama bem crescida. Nessa grama, um jumentinho pastava tranquilamente. Ela admirou-se da presença de animal de campo em plena cidade e imaginou que alguma firma o houvesse trazido para a dramatização do presépio.

No palco, já em cena, as crianças se apresentavam em roupagens rústicas de pastores, a Maria, envolta por um lençol branco, ladeada por José. Um bebê autêntico, o mais novinho morador da instituição, estava reclinado num bercinho manjedoura,

bem abaixo da estrela de cartolina amarela. O olhar do Menino Jesus fixava o grupinho de crianças a entoar o Noite Feliz.

Nesse momento, contra o sol, o jumento caminha salão adentro e para perto do cenário, integrando-se ao mesmo. O encanto da situação provocou um impressionante silêncio, secundado, apenas, pelos últimos versos da canção. Aplausos espontâneos e comovidos ao fim do ato. Novamente aquietados, à espera da palavra do presidente, todos ouvem, vindo de fora, um pregão repetitivo:

- Quede meu jumentinho? Venha cá, meu jeguinho! Quede meu bichinho fujão? Txu, txu, txu, meu jumentinho... venha cá!

O burrinho deu meia-volta e saiu, atendendo à cantilena à qual deveria estar acostumado. Viram-no aceitar o laço no pescoço, receber o afago do dono e os dois desaparecerem no calor da tarde.

A festa prosseguiu animada e as crianças mergulharam na euforia dos presentes, na doce caridade das guloseimas, enquanto alguém vivia, ainda, o acontecimento anterior: a mulher, que sentia a fé renascida. Para ela, o inusitado visitante anunciara que Deus estava no orfanato. Ela que desempenhasse bem, com amor, a missão de ajudar os pequenos desamparados que a providência de Deus atenderia seus infortúnios. Voltou à casa, feliz, bendizendo ao Senhor! O burrinho carregara Jesus até ela!

ÁGUA BENTA

A criança prematura tivera uma porção de problemas, desde o nascimento. Para começar, ficara ainda no berçário apesar da alta hospitalar da mãe. Foi para casa uma semana depois, após alcançar peso adequado. Não mamou, pois ao chegar, o leite havia secado nos seios da puérpera. Nem foi, a princípio, muito amada, pois trouxe consigo um trabalho colossal por causa de sua fragilidade. Assim começara sua vidinha.

Ao completar um mês de idade, os olhinhos inflamaram. O médico conseguiu desentupir o canal lacrimal de uma das vistas, em consultório, com muito sacrifício, pois a criança se debatia muito e também demonstrava sofrimento com a intervenção. Para desentupir a outra vista, então, foi programada uma anestesia geral.

A preocupação havia se convertido num amor imenso pela fraca criaturinha; a família tremeu ante a perspectiva da anestesia. Correria risco de morrer. O olho obstruído, cada vez mais infeccionado... ela pouco conseguia abri-lo, não estava se alimentando a contento, perdendo as gramas conseguidas, pouco a pouco. Não havia alternativa e os papéis burocráticos foram providenciados, a vaga no hospital, dia e hora acertados com o médico.

A mãe inconformada rezou, fez penitência, chorou e ficou à escuta da resposta divina. O tempo corria; a noite se aproximava e prometia o amanhecer, uma aurora enevoadada, o dia temido. Ela permanecia olhando no bercinho, a filhinha. Daí, surgiu a inspiração: água vinda de Lourdes, há muito tempo guardada num recipiente de cristal. Ponderou sobre a impureza do líquido, rememorando como era poluída, ainda mais pelos vinte anos de depósito em sua gaveta. Ajoelhou-se diante da Mãe do céu, implorando por auxílio. Sentiu extrema confiança e agiu na fé. Derramou o líquido num chumaço de algodão e sob o murmúrio da ave-maria, colou-o com um esparadrapo sobre a pálpebra do neném. O choro foi intenso, mas a mulher cantou e cantou amorosos acalantos até que, de novo, sua filhinha adormecesse.

Ela mesma amargou insônia e, no silêncio da noite, intercalou orações de fé viva com momentos de dúvida sobre o acerto da medida. A criança solicitou-a algumas vezes, como qualquer recém-nascido.

Assim, o dia chegou. Levantou-se e arrumou-se para ir ao hospital. Verificou se os papéis estavam na bolsa. Fraldas e roupinhas avulsas para a doentinha, que ficaria algum tempo internada. Aí, resolveu tirar a bandagem para evitar a reprimenda do doutor, caso ele visse uma coisa daquelas abafando o órgão visual infectado. O esparadrapo estava grudado na pele sensível do neném e a dor e choro foram inevitáveis. E a bondade de Maria estava ali, concreta, real: na gaze, uma secreção empedrada e envolta em pus. E as lágrimas corriam soltas e livres pela face da criança, lavando o que restava da obstrução.

Os papéis foram devidamente rasgados e a mãe continha a alegria para conseguir avisar o médico e o hospital que a menina estava curada, não sendo mais necessária a intervenção cirúrgica.

SINAL

O casal era cristão, o que não impedia que brigassem amígdue. Qualquer motivo contribuía para reforçar uma gradual separação. Acontece que havia o sacramento a abençoá-los. Esse sacramento era patente na filosofia de vida conjugal, reconhecido até pelos estranhos. Não restava dúvida que se amavam. Eram estudiosos e seguidores da espiritualidade a dois, nos intervalos das discussões e xingamentos mútuos. Um paradoxo... mas assim acontecia e a confusão tomou conta deles, que nem raciocinavam direito, impotentes para se livrarem das discórdias. Nem a oração conseguia furar o bloqueio das almas; sentiam-se incapazes de se reconciliarem, sem vontade de se perdoarem mutuamente. Os dias e noites se passaram e a distância entre eles abria abismos intransponíveis, humanamente falando, que iam se interpondo nas relações, no lar construído passo a passo durante longos anos. Tudo estava implodindo, tudo ia virando poeira.

Andava próximo o dia de aniversário de casamento. E a situação, miserável, desesperadora. E foi nesse ambiente que, numa manhã ensolarada, escandalosamente brilhante, uma pombinha branca, símbolo de paz, de amor, de decisão, resolveu pousar no telhado da casa deles. Cada um a viu, por sua vez, e estranhou o fato, nunca antes verificado, apesar de residirem numa área de muito verde. Pássaros, havia aos montes, sempre, por ali..., mas pombinha branca, quieta no alto, sem temer os latidos dos cachorros, isso era inusitado. E ela permaneceu lá, o dia quase inteiro, olhando com seus olhinhos sagazes, o movimento no quintal, o entra-e-sai do casal intrigado.

Tiraram foto da avezinha, jogaram alimento na grama sem que isso a animasse a descer para comer.

Ao cair da tarde, a pombinha voou, foi embora.

- Será algum recado celeste?, se perguntaram, admirados.

- Só pode ser!, concluíram.

E começou o diálogo, na predisposição para o entendimento, para o perdão mútuo. E venceram. Com a ajuda de uma estranha e doce avezinha.



O LÍRIO

Dois casais. Ambos os maridos padeciam da mesma doença: câncer. Uma delas fez a promessa de rezar um terço festivo, uma vez por semana, em casa de quem quisesse louvar Nossa Senhora, a cujo anfitrião doaria uma imagem da Virgem. E chegou a vez da outra requerer a oração mariana. Tudo para pedir à Virgem que assistisse o doente e a família. Aliás, os dois doentes, em particular.

No dia marcado, porém, nada deu certo; as pessoas que a acompanhariam desistiram e assim, foi-se prorrogando a reza até a quinta-feira santa. (Esclareço ao leitor que o marido anfitrião não gostava de rezas e similares, mas se sujeitara ao fato, movido pela dura prova da doença e a perspectiva da morte).

O rito constava de cantos intercalando as ave-marias e uma rosa, passando de mão em mão, a cada início de oração. Mas haviam esquecido a rosa... então, a anfitriã foi a um vaso ornamental e tirou a única flor existente na casa: um lírio da paz, que substituiu a rosa costumeira. Lá ia o lírio passando entre os circunstantes devotos. Eram 13 pessoas ao todo, em assembleia, como o grupo de Jesus e seus apóstolos. Isso foi notado e louvado. Na hora final da Salve-Rainha, eis que o lírio se achou entre as mãos comovidas do cético anfitrião. Convidado a entoar uma oração espontânea, ele a fez, inspirado, entregando-se nas mãos do Senhor.

Após a despedida, voltou a rotina da vida, da doença que, afinal, levou-o para a eternidade cinco meses depois. A imagem de Maria quedou-se num recanto meio escondido da casa.

Sob o impacto do funesto acontecimento, ela se inquietava com a salvação da alma de seu companheiro e isso povoava seus pensamentos em meio à saudade daquele com quem vivera por 49 anos. Aí, se manifesta a delicadeza de Deus com a filha dileta.

Havendo adormecido numa profunda tristeza, a tristeza dos que só choram sozinhos, nunca na presença de outros, ela sonhou: estava deitada e a porta do quarto se abria. Era a figura de um homem querido, que segurava nas mãos um lírio brilhantíssimo, quase ofuscante. O homem aproximou-se enquanto ela se levantava e o abraçava, pois reconhecera seu pai. Um abraço quase corpóreo, pois dele ela teve a sensação de um conforto agradabilíssimo. O abraço expressava a ajuda celestial para enfrentar a solidão da viuvez. Ela olhava para trás do pai e via o lírio se transfigurando em tocha, apontando para um segundo homem, agora claramente revelando o marido que partira. A felicidade tomou conta dos três...

... e permaneceu com ela, ao acordar e tomar consciência do sonho como revelação especial. A angústia desaparecera e uma conformidade tranquila se anunciava.

SALVA

Havia um retrato de família, no qual a menina tinha o aspecto muito feliz, descontraído, esbanjando alegria. A mãe gostaria de ampliá-lo para que a recordassem assim, feliz e alegre, agora que ela morrerá, vítima de uma epidemia. Recomendou à avó da criança que providenciasse o trabalho, meio complicado na tecnologia de 1978, pois não seria ampliado a partir de um negativo, mas da foto pronta e revelada há mais de ano, portanto, já um pouco desbotada.

Assim foi feito, mas o resultado foi lastimável. O fotógrafo rodeara a imagem da criança com pedaços de papel rasgados para acompanhar as formas curvas dos braços, cabeças, do corpo, enfim, e deixou-a com a aparência de estar repousando num caixão. A avó relutou, mas acabou levando para casa, a impressionante foto. Estava resolvida a não mostrá-la a ninguém, muito menos à chorosa mãe da criança. Conseguiu escondê-la por muitos dias até que foi-lhe reclamada a incumbência. Disfarçou, mentiu, mas a mãe da menina insistiu que lhe mostrasse, visto que o fotógrafo, interpelado, lhe comunicara haver entregue a encomenda. Foi um choque deveras traumatizante. Ao invés da alegria procurada, aquele aspecto sombrio e macabro, traumatizante...

A mente reagiu, descontrolada, e a mãe perguntava-se se a garotinha teria merecido o céu... Imaginem o pensamento horrível para uma cabeça católica. Tudo ruía por terra, a partir de uma foto. A esperança perdia terreno para o desconsolo. A garota tinha quase nove anos e não confessara e nem comungara nunca... estaria fora do redil dos eleitos? O sofrimento redobrou enquanto ela se desdobrava em orações de expiação pelos imaginários pecados da garotinha...

Foi quando a misericórdia de Deus se manifestou: uma abençoada noite, adormeceu e sonhou com o retrato fatídico. Estava a mirá-lo, em prantos, quando um fogo diferente, claríssimo, sem a carac-

terística de transformar as coisas em cinzas, mas sim, um fogo benéfico, como se possuísse vida, envolveu a foto e a fazia desaparecer. Foi rápido, muito rápido, e uma bela e brilhante menina substituiu a outra. Não tinha as mesmas feições humanas da filhinha, era outra na aparência, mas apenas a essência dela, revestida de beleza nunca antes presenciada. Era a sua filha, glorificada, alegre no espírito divino.

Despertou renovada e louvou a infinita bondade de Deus, que assim a consolava.

ABORTO

Vera, uma católica, engravidou do sexto filho. Gravidez indesejada, visto que representaria mais despesa na família encalacrada por dívidas, com o marido desempregado, casal morando em casa dos pais. Veio a tentação de abortar, como solução do problema. Conflitos de consciência vieram, fortes e desconcertantes, abafados pela ideia fixa, tudo em surdina, para não atormentar mais o quadro terrível em que se achava o lar. E a tentação foi levada à prática: começou com lavagens vaginais, continuou com a ingestão de chás, pulos de alturas cada vez mais altas, compressas quentes, etc. A paz fugira de seu coração. O tempo passando, e a gravidez se denunciando nos enjoos e azias. Pouco dormia, emagrecia, tinha olheiras e tristeza. Nem percebia mais os outros filhos, também pequenos.

Uma noite, cansadíssima, estava na cama e rezou, imaginem, para que Deus a fizesse perder naturalmente, a criança. Dormiu quando a exaustão chegou ao auge. E sonhou...

No sonho, seu pai lhe cochichava um conselho:

- Minha filha, pare com isso, senão, quando eu morrer, sairão três caixões de casa: o meu, o seu e o do bebê.

Ao despertar, lembrava-se perfeitamente do conselho e foi ao encontro do pai que estava na cozinha: papai, o senhor anda bem de saúde?

- Tinindo... tudo sob controle. E você, Vera, emagrecendo, triste? Alegre-se...

- Vou me alegrar... a partir de agora. Estou esperando outro filho...

- Parabéns! Será bem-vindo!

Vera voltou aos sacramentos; alojou a esperança novamente, em seu coração.

Alguns dias após o acontecido, o pai é vítima de enfarte fulminante. Choque duro para a família que, sofrendo muito, vê o corpo

saindo da casa num caixão. A grávida lembrou-se do sonho e ponderou:

- Será que seriam três caixões?

Nunca saberemos!

O ANJO

Ele trabalhava na capital e a esposa morava no interior, sabendo pouco das aventuras extraconjugais do marido, que estava às voltas com a dondoca secretária. O filho do casal, rapaz novo, por telefone foi encarregado de comprar um carro para a dita cuja, na concessionária do interior, pagar à vista, desembaraçar todos os documentos e levar o veículo à capital a fim de ser presenteado à amante, no dia seguinte, festa de aniversário. Lógico que não deu tempo de cumprir a ordem e o rapaz foi execrado, também por telefone, a ponto de se entristecer até as lágrimas. Sua mãe, a querer consolá-lo e saber o que havia desencadeado tanta raiva no chefe da família. O rapaz, pressionado, desabafou a sordidez toda. A traída resolveu, então, ir encontrar o marido e a secretária. Antes, porém, correu ao lugar mais tranquilo que conhecia e onde podia contar as amarguras à alma de um filhinho morto há muito tempo. Foi ao cemitério rezar e recompor-se emocionalmente. Lá ficou, dialogando com Deus, pedindo luzes e requisitando emprestado a Ele, a alma de seu filhinho que, com as prerrogativas de uma alma inocente, poderia acompanhá-la na difícil empreita. Ponderava que a alminha (a doutrina católica não considera como “alminha”, o espírito de uma criança. É uma alma completa, com todas as prerrogativas) viria apenas por pouco tempo, não faria falta no céu, repleto de anjos e que ela necessitava de companhia plenificada de graça.

Saiu do lugar sentindo-se melhor, mais centrada e apoiada pela forte fé num Deus amigo e companheiro. Tomou o ônibus. O horário de expediente havia encerrado e o escritório, fechado. Foi para o apartamento que possuíam na capital, onde pernitoou sozinha, pois o marido, avisado por alguém, viera para o interior fugindo ao confronto.

No dia seguinte, o encontro com a outra, no escritório, a alteração, diversas revelações de que a sabia “louca, desajustada e péssima esposa”.

Chega o marido e se depara com a cena de discussão, com o escritório em polvorosa, a esposa desnorreada, a amante queixosa. O machão se enfurece com um dos funcionários que ousou defender a esposa e parte para a agressão física. Estava já com o braço levantado e o punho fechado, quando para, flagrantemente emocionado e diz:

- Só não bato em você porque estou vendo na sua cara, o semblante de meu filho que morreu.

E tudo serenou com a revelação inesperada.

A esposa, também emocionada, vai embora do recinto, agradecendo a Deus o empréstimo do anjo.

Mais uns dias e chega ao escritório, sem que ninguém houvesse solicitado, a transferência do marido para outras plagas, bem longe da secretária.

AFORTUNADO

Foi internado às vinte horas para uma transfusão de sangue. O prognóstico do médico era liberá-lo na manhã seguinte, mas a morte imprevista veio visitá-lo de madrugada. O câncer rompera a trégua e finalizara seus dias. A família providenciou todo o necessário, sob grande impacto. Como na pequena cidade, o falecido era um estimado cristão, comerciante, justo em suas contas, toda a despesa foi efetuada a crédito para futuramente, ser saldada.

Ele fora sepultado com um terno bem talhado, buscado às pressas por um parente, a mando da viúva. O portador abriu o guarda-roupa, revistou e desocupou os bolsos: uma caneta esquecida, um lenço amarrotado e um maço de notas, dinheiro. Comunicara a ela, que dissera: agora não é hora de falar em dinheiro...

Cristã, ela entregou a alma do marido à eternidade; a bem da verdade, um pouco relutantemente, infeliz com o cruel desígnio do destino. Achava que ainda poderiam viver juntos durante muito tempo. Refugiou-se na dor, em orações intensas até que a realidade trouxe-a de volta, com a apresentação das contas do hospital, da funerária, do velório, do cemitério...

A família reuniu-se para avaliar e distribuir entre eles, a despesa. Foi aí que a viúva lembrou-se do maço de notas, guardados no fundo de uma bolsa. Foi buscar e, ao contarem, era justamente o montante de todos os serviços.

Viu aí Deus, inspirando o marido a esconder em casa tal quantia, quando todo o resto dos bens achava-se bloqueado.

Não quisera deixá-los em apuros.

Cinco anos e meio se passaram e o inventário se concluiu. O advogado experiente fizera o formal de partilha: loja para um, carro para outro, imóvel para mais outro e os 50% da esposa. Os honorários do advogado eram altos.

Acontece que, dinheiro vivo, nenhum tinha; iriam vender alguma coisa para remunerar o causídico... aí, vemos a delicadeza de Deus e a previsão do marido falecido: ele fizera uma poupança bancária sigilosa que havia sido revelada e liberada no inventário. Sim, justamente a despesa devida ao advogado, despesa matematicamente proporcional aos bens.

Ele continuava a suprir as necessidades econômicas da família...

Deus seja louvado!

CRISTO NO CORCOVADO

Essa crônica foi escrita pela amiga MARIA AUGUSTA VASCONCELLOS DINIZ (4 de julho de 1905 / 14 de janeiro de 1995), cristã amorosa, iluminada, que sentia como ninguém, a bondade de Deus em sua vida.

Fiquei maravilhada! Subimos por Santa Thereza e desce-
mos por Laranjeiras. Fazia bom tempo, mas na chegada,
a cerração foi fechando cada vez mais, encobrindo tudo.

Ainda no trezinho, pudemos ver muito pouco da paisagem lá em baixo. Quando chegamos em cima, não se enxergava nada a um metro de distância. Um vento cortante atirava no rosto da gente, rajadas de neblina.

Do Cristo, só se via o pedestal.

Lá em baixo, a cidade desaparecera no branco da paisagem. Ficamos esperando, encostados na grade. Rajadas e rajadas de vento brincavam no alto, mas as nuvens não se dispersavam e ocultavam até o contorno da imagem.

Do fundo do coração, nossa súplica: - ao menos o rosto, Jesus, ao menos seu rosto adorado; não poderemos voltar mais aqui...

O tempo passava e, de vez em quando, um leve contorno se esboçava. Quase na hora do trezinho chegar, seu belo rosto emergiu daquele branco opaco e contemplamos seu olhar, dirigido para o além das montanhas, abrangendo tudo a seus pés. Nós dois e Noêmia, nossa irmã, testemunhas do grande milagre.

Nunca esquecerei a expressão desse olhar que não sei descrever, nem esquecerei também a beleza desse cenário áspero, mas majestoso.

Voltamos ao Rio, tempos depois, mas não houve oportunidade de visitar a imagem grandiosa do Cristo Redentor, o grande protetor do Rio de Janeiro. Foi a única vez!

Obrigada, meu Deus!
Obrigada por tudo!

VIDA MISSIONÁRIA

Gabriela estava prestes a dar à luz. Viajou, então, para São Paulo, onde residia a mãe, recorrendo a seus serviços de parteira experiente. Veio ao mundo uma saudável garota, pelas mãos da avó. Gabriela permaneceu em resguardo, tomando as canjinhas do puerpério e em semirrepouso, conforme convinha às neomamães de seu tempo. Passaram-se uns quinze dias e ela descansava tranquilamente, quando notou estranho nervosismo e mais estranho, ainda, o comportamento do pai, entrando e saindo de casa atabalhoadamente. Pouco depois, acompanhado de uma conhecida parteira do bairro, entrava no quarto da mãe, de onde se ouviam murmúrios e gemidos. Esperou que saíssem e inquiriu a parteira. Soube do parto infeliz da sua mãe, mulher de 53 anos, décimo parto, indesejado. Parto infeliz, porque o nenê estava morto, embrulhado em jornais e colocado debaixo da cama. Gabriela invadiu o quarto de sua mãe, ante o impacto. Como nem desconfiara de nada? Também, com as roupas soltas que ela costumava usar, camuflou tudo!

Gabriela quis ver o rosto da irmãzinha e puxou o embrulho de debaixo da cama... e aí, o nenê chorou... e viveu! A mãe, com ódio, lhe disse:

- Você fez isso, agora a amamente!

A rejeição era direta, categórica. E Gabriela ficou com seu próprio nenê e mais com Carmen, a rejeitada, a quem batizou.

Como o intuito desse livro é saborear a bondade de Deus, veremos aqui como Carmen encarnou o espírito cristão em sua vida, qual missão a ela destinada.

Era a caçula de dez irmãos, bem mais velhos. A mãe enviuvou, ficou só com ela em casa, tornada moça inteligente e produtiva, com emprego bem remunerado; portanto, nada faltou à mãe envelhecida, em carinho e em conforto material. Dos irmãos, acompanhou um a um em vida e na passagem para a eternidade, inclusive Gabriela, sua ressuscitadora irmã e meio-mãe.

*

Uma vez, apaixonou-se. Foi correspondida. Combinaram casamento e ela recebeu procuração do rapaz, com amplos poderes, a fim de providenciar proclamas, papéis para o casamento civil e religioso, inclusive para alugar uma casa para morarem. Ela, animadíssima, vivendo o romance.

Certo dia, após o expediente do serviço, avisaram-na que uma moça, acompanhada de duas crianças, a aguardava no saguão: tratava-se da companheira de seu noivo, que lhe exibiu a certidão de nascimento das crianças, onde o rapaz reconhecia a paternidade. Apesar das emoções incríveis, conseguiu dominar-se e sossegar a queixosa, avisando-a que não casaria mais. Na mesma hora, um plano veio à sua cabeça... e o partilhou com ela. Sabem o que fez? Não pediu explicações ao prometido e continuou na providência da papelada para o casório, mas, desta vez, com o nome da outra mulher. Tudo pronto, entregou ao rapaz, estupefato, que assim pressionado, desposou a companheira e mãe de seus filhos.

Carmen optou por ficar solteira, pois seria difícil esquecer o episódio e confiar novamente em alguém.

*

Uma ocasião, um dos irmãos pediu-lhe ajuda para arrumar emprego no hospital onde trabalhava. Ela sabia da recessão que o estabelecimento atravessava, mas não queria desiludi-lo. Conversou com o mordomo e puseram em prática outro plano de bondade: o irmão seria aceito, ela pagaria o ordenado, sem que ficasse sabendo. Metade desse ordenado iria para o aluguel do quarto (no apartamento de Carmen) e a outra metade, que gastasse como bem lhe aprouvesse. Assim foi feito, durante anos.

Ficou à disposição de sobrinhos... os problemáticos passaram pela sua casa, morando e usufruindo de sua fonte de bondade, resolvendo casos de desemprego, drogas ou afetos incompreendidos. Quando se resolviam, iam embora, abrindo brecha para outro. A família toda, inconformada pelo excesso de bondade, a classificavam de boboca. Para os critérios do mundo, é mesmo...

Hoje octogenária, na ativa, trabalhando, acolhe um sobrinho pai solteiro e o ajuda a criar uma criança.

A MOSCA

J. GUALBERTO ROCHA

Rio de Janeiro

De todas as histórias que conto, uma é tão especial que parece que a revivo, em toda sua intensidade, cada vez que a repito. E narrá-la é minha forma particular e emocionada de falar de Deus. Só hoje decidi contar esta história por escrito, rubricada e assinada, para não deixar dúvidas ou versões. Relatar sua verdade, apesar de todas as margens e interpretações que sempre ficam para aqueles que não acreditam no sentido universal e divino do voo de uma mosca.

Começou bem cedo, às cinco da madrugada, o telefone tocando e eu, entre assustado e tonto, ouvindo de meu pai, com a voz embargada, um misto de convite e súplica para ir direto ao hospital:

- “O estado de sua irmã é grave!”

Maria Clara estava com dezoito anos, jovem, saudável e divertida, como todos que têm essa idade, devem ser. Contraiu hepatite. Mas quem, frequentando as praias da Baía da Guanabara, já não contrairia? Lá em casa mesmo, todos já havíamos enfrentado essa doença e o inconveniente do tratamento, que não ultrapassava um mês de repouso e dieta. Com Maria Clara, o quadro seria o mesmo, foi o que pensei quando ela caiu de cama. O telefonema de papai mostrava que eu estava errado. Ela havia apresentado uma evolução preocupante e fora internada.

A cena que vi, logo que transpus a porta do hospital, foi tremendamente angustiante. Primeiro, eu não esperava encontrar papai e mamãe na recepção; eu os imaginava junto a Maria Clara; em segundo lugar, eles choravam convulsivamente - não me lembro de papai chorar daquele jeito em outra circunstância - e, finalmente, o doutor Raul, médico da família, dividia-se entre acalmar os velhos e conter o choro, não conseguindo nem uma coisa nem outra.

Não cheguei a pensar no pior. Não sei se porque o impacto da cena me deixou ainda mais atordoado ou porque o doutor Raul foi muito rápido em me descrever toda a situação. Provavelmente, as duas coisas.

Maria Clara estava em coma hepático. Um quadro com pouca possibilidade de recuperação. Doutor Raul havia, na véspera - por ironia, tentando tranquilizar mamãe -, informado que hepatite tinha uma evolução padrão e que, raramente, proporcionava risco de óbito. O quadro de Maria Clara, então, não apontava nem de longe, para tal risco. O progresso da doença surpreendeu ao médico e a todos: seis horas depois de ter dito à mamãe o que disse, doutor Raul teve que anunciar que minha irmã entrara em coma.

Mamãe se aproximou e pediu que eu subisse para o quarto onde Maria Clara estava e lhe fizesse companhia, mesmo sabendo que ela não perceberia minha presença. Subi as escadas, embalado por um sentimento confuso. Todos chorando. Uma tristeza tomava conta de meu coração, que batia nervoso, como que em um ritmo novo, desconhecido. Negava-me a acreditar no que vivia, perguntando-me se o telefone realmente tocara, se eu estava de fato acordado, se tudo não era apenas um pesadelo. O cheiro de éter nos corredores aumentava a sensação de que vivia um sonho, onde os movimentos não respeitam a geometria.

Maria Clara vestia uma camisola branca com pequenas flores azuis. Estava completamente suada, seu rosto totalmente coberto de gotículas de suor que brotavam em uma quantidade surpreendente. Peguei sua mão e a percebi fria, assustando-me ainda mais com todo aquele suor que, até então, atribuía a uma febre que não existia. Fiquei ali, estático, observando sua icterícia acentuada e o sono profundo do coma hepático. Foi quando tudo o que quero contar, começou.

Primeiro fiquei parado, sem movimento, um, dois minutos. Depois percebi minha agonia, que não era apenas devido ao risco de perder minha irmã, mas também ao drama de viver um ou dois dias tentando confortar sem argumentos, certeza ou fé. Eu sofria por minha irmã e por mim - egoisticamente também por mim, confesso.

Naturalmente, sem qualquer racionalidade, comecei a concentrar-me, a buscar uma resposta, fosse qual fosse a sua fonte. Profundamente. Eu estava dominado por um choro que não saía, e pela convicção sem sentido talvez, de que eu poderia obter uma resposta às minhas dúvidas, viver um ato de fé. Pensei nos mortos queridos, pensei em Deus, no universo, nos anjos, pensei em todas essas entidades de uma maneira indivisível e eu não sabia ainda, a quem me dirigia quando fiz o acordo.

Um acordo silencioso, fruto da minha covardia em enfrentar a dúvida, em me agarrar a esperanças sem justificativas plausíveis. Justo eu, que procuro ser sempre lógico, estava ali em contato profundo, cercado de uma emoção que me esmagava. Pedia uma resposta. Eu estava preparado para a vida e para a morte, mas não me sentia capaz de enfrentar a dúvida. Eu precisava saber. Uma mensagem. Eu pedia apenas uma mensagem, uma resposta inequívoca. Era tudo muito simples, faltava apenas o instrumento para diálogo que, naquele momento, agora tinha certeza, mantinha com Deus.

Apareceu a mosca.

Uma mosca comum, é claro. Pousou sobre a camisola de Maria Clara na altura do seu ombro direito, ao alcance de minhas mãos. Ela ali, no seu gesto típico de esfregar as patinhas umas nas outras. Eu a observá-la e a firmar o acordo. Tentaria pegá-la com uma das mãos, num movimento único, tudo ou nada, vida ou morte. Se eu conseguisse pegar a mosca, seria sinal que Maria Clara viveria. Acordo feito. Eu estava certo de estar em sintonia com algo muito forte, que eu era objeto de atenção, era como criança falando com o Pai.

Sabia que a minha chance de capturar a mosca seria mínima - afinal sempre fui meio desajeitado pra este tipo de coisa - mas era um acordo justo, a probabilidade médica era igualmente mínima. A mosca voou. Antes que minha mão recebesse o comando que partira do cérebro, a mosca voou, em direção desconhecida, rápida, para fora do alcance de meus olhos.

Eu tinha o acordo selado. Não acreditei em coincidências - eu, tão lógico, não acreditei. A mosca voou antes de minha tentativa em capturá-la e isto tinha um sentido. A dúvida. Não me fora permiti-

da a resposta. A dúvida era parte de meu caminho e teria que enfrentá-la. Permaneci quieto, quase triste. Digo quase, porque a sensação da resposta concedida era tão grande que percebi que tanto eu quanto Maria Clara estávamos integrados em algo maior, que conversou comigo e que me mostrou, no voo da mosca, Sua presença. Fui dominado pela resignação, do fundo de meu coração. Com humildade, reconheci como verdadeira a resposta e aceitei a dúvida e a esperança - fluida, mínima - como dominadoras de minha alma.

Nesse momento, eu sempre me emociono e não é diferente agora, quando escrevo pela primeira vez, esta minha história. Decidi abanar o rosto de Maria Clara, talvez porque seu suor me incomodasse, talvez porque quisesse aproveitar o comando do cérebro para o movimento de minha mão. Mão espalmada, num vaivém lento, cansado, inútil na tentativa de proporcionar qualquer conforto à minha irmã. Foi quando senti, de olhos fechados, algo chocar-se contra a minha mão e, instintivamente, a fechei, ao tempo em que abria meus olhos, que se enchiam de lágrimas. Não podia acreditar que, saindo de onde quer que estivesse, uma mosca voasse na direção de uma mão humana em movimento, permitindo-se ser capturada. Se, antes, não acreditei em coincidência, agora estava impedido de fazê-lo. Fui até a janela, estendi o braço na direção da rua e abri os dedos. Para não deixar dúvidas quanto à sua presença, a mosca permaneceu um ou dois segundos na palma da minha mão, arrumando suas asas amassadas.

Nos dias que se seguiram, não contei o ocorrido a ninguém. Não foi uma decisão deliberada, apenas não o fiz. Procurei encorajar a todos quanto à certeza da recuperação de Maria Clara. Após três dias, ela saiu do coma.

Mais de dez anos depois, Maria Clara está casada, feliz e grávida. Eu olho sua barriga crescendo e pergunto-me pelos mistérios da vida e da morte, encanto-me pela presença de Deus e por este ciclo eterno que fez mamãe desesperar-se diante da filha doente, que faz Maria Clara sorrir, que permite a gestação de uma nova vida em seu útero e que, singela e misteriosamente, determina o destino do voo de uma mosca.

RESPOSTA CLARA

Um último movimento afivelando o cinto de segurança e a viagem começou. Seria curta, apenas uns vinte quilômetros no asfalto e mais outro tanto pelo chão batido. Trouxe água no isopor porque o trajeto era em solo semiárido do Brasil central, cortando o cerrado delimitado por fazendas cujas sedes nem se enxergavam da estrada.

O pensamento já lá havia chegado... o quê encontraria nessa peregrinação? O Espírito Santo de Deus habitaria aquele lugar ermo? Ou seria um sonho enganador do casal que fundara aquela comunidade? Estaria eu perdendo tempo ou lá havia um cantinho do Reino que Jesus instituiria?

A mente habituada a consultas com Deus pediu um sinal divino que dirimisse as dúvidas. Imaginou um montão de coisas, mas combinou com Ele, como uma ingênua filha, o seguinte: se alguém da comunidade Família de Nazaré, no decorrer do dia, entre conversas ou palestras de cunho espiritual pronunciasse a palavra CLARA, aí sim, acreditaria nas incríveis propostas de renovação de vida feitas pelo pessoal da Casa de Maria, situada entre os municípios de Caldas Novas e Rio Quente, em Goiás.

A porteira escancarada, convidativa, recebeu o carro e a passageira desconfiada. Uma enorme e ainda inacabada construção da cor do barro se exibiu, enquanto uma porta de ferro vazada, com cruz e arabescos anunciava a capela com o sacrário ocupado pelo divino morador.

Uma sombra preciosa abrigou o carro, enquanto a voz de um homem postado ao lado de uma mulher, se dirigia a meu acompanhante, de longe, com boas-vindas.

Caminhamos até eles. Estendi a mão para ela e apresentei-me, pronunciando meu nome. Ela, olhando-me fixamente, disse:

- Clara!

Fiquei estática... muda... perplexa!

Era o nome dela. Era o sinal combinado. Não falara nada do que é costume:

- Como vai? Muito prazer!..., nada!

Deus e sua glória incomensurável haviam ungido aquele lugar que, para mim, recebera naquele instante o “habite-se” celeste. Jogaria a água natural fora, pois ali receberia a água-viva que desce do céu.

O DOM DE LÍNGUAS

Eles nos receberam com o coração aberto, para nos consolar em nosso luto por um filho de 33 anos. Sentamo-nos no jardim, frente ao ponto do pôr do sol, numa paisagem ampla, esplendorosa. Aguardamos a hora do espetáculo sempre inédito, embevecidos com as pinturas celestes. Uma grande e cristã amizade nos unia nesses momentos em que as emoções se misturam.

Após a sensacional apresentação da natureza, entramos para jantar e continuar a confraternização. Embora inadequado, o assunto girou sobre o luto, passando depois aos problemas de crenças. Falamos sobre ressurreição, juízo, e afinal, nos detivemos sobre o dom de línguas, fenômeno considerado como dom do Espírito Santo para nossa edificação.

Marcello era o mais interessado, o mais polêmico dos quatro, com a opinião de que não passava de crise conjunta e histórica do pessoal católico com tendência ao fanatismo. Pois, se ninguém entendia nada, não servia para nada. Ouviu, porém, com a melhor das atenções e intenções, como quem quer compreender a nossa defesa. Consideramos que o orante em línguas havia se vencido com humildade, reduzindo o raciocínio, a razão, a inteligência, para soltar os sons que se desdobravam céleres e ininteligíveis para os demais. Conseguir se humilhar dessa maneira diante dos outros seria como uma criança que mal sabe se expressar e é compreendida perfeitamente por sua mãe, em suas necessidades expressas em balbucios.

A conversa se estendeu, animada, servindo até para nos tirar da tristeza crônica que nos acompanhava.

Ninguém poderia imaginar que Marcello, dali a uns dois meses, estaria frente ao Pai, vitimado por medicamentos errados para curar uma simples gripe.

Golpe terrível para a viúva Auxiliadora e para os parentes e amigos.

Não estivemos presentes na ocasião. Assim que voltamos a Rio Quente, três meses depois, fomos visitar a amiga, assumindo agora o papel de consoladores, o mesmo papel que eles fizeram quando de nosso luto.

Era pela manhã de um domingo quente.

Abraçamo-nos cordialmente. Ela estava calma e feliz. Contou-nos que na noite passada, sonhara com o marido. Entusiasmada, contou-nos o sonho:

- Sonhei com Marcello! Há quanto tempo esperava por isso! Um sonho rápido, mas maravilhoso: vestido de algo bem claro, me olhou e tentou falar comigo. Não conseguia; apenas dizia coisas enroladas, sem nexos para mim, mas o perfume que saía dessas palavras era algo indescritível. Esse perfume nos inundou. Foi maravilhoso.

Como as lágrimas apareceram nos olhos dela e de todos, esperei que a sensação passasse para lembrá-la:

- Você se lembra do teor da conversa daquela vez que jantamos com vocês dois?

Ante a resposta negativa, respondi-lhe:

- Sobre o dom de línguas... ; eis a resposta que Marcello deu a você e a nós, através de seu sonho. Mesmo que nós não o compreendamos, Deus entende essa linguagem da alma e de anjos, que sobe até Ele como suave perfume de nossa entrega total.

Aí foi que choramos todos.

OTONIEL



Um coveiro de incipiente cemitério, com poucos sepultados e só ele tomando conta, varrendo folhas, cuidando de tudo, enfim. Sentamo-nos num dos bancos. Nunca vou saber o porquê, mas ele começou a abrir o coração para nós.

Naquele ambiente sisudo, respirava-se alegria e o recinto transformara-se num parque-confessionário.

No preâmbulo, ele se desculpou por não ser letrado como nós e de entender pouco de religião. Fomos supervalorizados por suas palavras humildes. Dizia ele com sotaque nordestino inconfundível, de sua vida pregressa totalmente perdida e condenável. O único pecado que não havia feito era o assassinato. Sua mulher não desanimava dele, a única, porque nem os filhos o amavam e respeitavam. Ela, da igreja protestante, o avisava de suas orações intercessoras para sua conversão, enquanto ele debochava dessas atitudes. Vida brava!

Depois de muitos anos assim, ele se encontrava no trabalho, sob uma chuva insistente que o obrigou a se proteger num canto qualquer que dava visão para a larga avenida solitária, em cujo canteiro central havia bancos de descanso.

Foi quando viu aquele livro que, batido pelo vento, parecia ter vida: iam-se virando as páginas. A chuva molhava o volume, mas as páginas continuavam leves e maleáveis. Uns transeuntes passaram, examinaram e desprezaram o livro. Otoniel resolveu pegá-lo. Era uma Bíblia esfolada, desfolhada, sem capa, páginas amarelecidas e enroladas nas pontas. Sucata!

Otoniel não pensou assim; para ele significou o tesouro; o mesmo Otoniel que não ousava abrir a Bíblia bem cuidada de sua mulher, apertou o chumaço de papel contra o peito e, de volta ao cantinho onde se abrigava, leu o primeiro recado de amor.

Era a passagem de Atos dos Apóstolos, capítulo 3: todos os dias instalavam o homem coxo à porta do Templo chamada Formosa para pedir esmola aos que entravam. Quando ele viu Pedro e João, que iam entrar no Templo, solicitou-lhes uma esmola. Pedro e João também o fixaram e lhe disseram:

- Olha para nós.

O homem os observava, pois esperava obter deles alguma coisa. Pedro lhe disse: “- Ouro ou prata eu não tenho; mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda”.

Otoniel sentiu-se como o coxo a pedir esmola. A esmola da cura espiritual, a esmola que recebeu na figura física de um livro, um livro sagrado.

Abriu de novo o calhamaço úmido, como para certificar-se de que era um ex-aleijado.

O segundo recado no Livro de Jonas.

Leu os capítulos avidamente, sem entender muita coisa; ficou-se na parte onde Jonas estava dentro da barriga da baleia. Ele se viu assim: na escuridão, engolido pelo mal.

O terceiro recado: do livro de Daniel, na passagem onde o rei Nabucodonosor sonha com uma enorme estátua e quer que adivinhos lhe contem o sonho e o interpretem. Daniel soube do mistério do rei

pelo Senhor a quem louvava na prisão. O rei lhe diz: Em verdade, vosso Deus é o Deus dos deuses, o revelador dos mistérios...

Otoniel recebeu nessas passagens, a graça da vontade de renovar a vida. Persevera até hoje.

A família também se reestruturou.

IDADE

Eis a história de um homem de meia idade, de uma simplicidade e bondade evidentes, que em algum momento do ano de 2003 voltava de um dia de trabalho como programador na área de informática, quando avistou um senhor deitado sob um ponto de ônibus, maltrapilho, sujo, pobre. Em um ato de caridade, aproximou-se e interessou-se por ele. Numa tentativa de comunicação, pôde constatar que se tratava de uma pessoa com problemas mentais, pois mal articulava palavras e tampouco tinha noção de que dia, mês ou ano, ou aonde estava.

Mal conseguindo comunicar-se, decidiu levá-lo à sua própria casa, para alimentá-lo e cuidá-lo. Foi um ato de extremo amor, desapego e humildade. Disse que, quando estava abaixado, ajudando a lavar e limpar as feridas dos pés do pobre senhor, perguntou quantos anos ele tinha, sem se ater ao fato de que aquele indivíduo mal articulava as palavras. O senhor, após afagar-lhe a cabeça por alguns minutos silenciosamente, respondeu em voz clara e doce:

- Meu filho, tenho agora 2003 anos.

Após ouvir essa resposta, esse homem iluminado passou a dedicar sua vida exclusivamente a ajudar moradores de rua, acolhendo agora mais de 30 pessoas em uma chácara (alugada), onde desenvolve atividades de reciclagem de lixo para que as pessoas acolhidas possam reiniciar suas vidas, até então destruídas. Trabalho silencioso de amor gigantesco.

O programa de TV no qual a história estava sendo contada, doou um carro novo para esse homem, pois o carro que utilizava (uma Pampa muito velha) estava quebrada e sem condições de uso, ajudando assim, a continuar suas coletas de lixo para recicla-

gem, com o único propósito de manter e ajudar aquelas pessoas recolhidas das ruas.

Essa história me tocou profundamente, pois é um sinal da presença viva de Deus em nossa vida, e nos faz refletir quais são nossos reais objetivos e o que estamos fazendo de nosso precioso tempo aqui na Terra. Ensinou que podemos fazer nossa pequena parte para que o mundo seja mais bonito.

VAIDADE MÉDICA

O médico integrava uma igreja de poucos adeptos, por isso, uma vez que solicitara a intercessão da assembleia, a comunidade passou à oração fervorosa, suplicando pela melhora de um certo paciente também pertencente ao clã devoto, internado em estado gravíssimo.

Era um ótimo esculápio, melhor dizendo, médico. E religioso, conforme a descrição acima. Assim que se deparara com o paciente desenganado, agiu com seus conhecimentos acadêmicos, ajudado por um formidável sexto-sentido e conseguiu que os sinais vitais voltassem a funcionar.

Não obstante a confiança nas orações, o médico transferiu o doente para um hospital da capital com mais recursos e instrumentos que o monitorassem: um leito na UTI .

Bem acomodado, embora sedado, todos os aparelhos conectados respondiam bem aos estímulos musculares e nervosos.

Nosso médico, postado atentamente à beira da cama gradeada do doente. Duas enfermeiras intensivistas, com mais dois colegas conversavam, elogiando a vigorosa batida cardíaca, em comentários otimistas sobre a salvação daquele que havia escapado da morte iminente.

De chofre, o protagonista da história abriu um largo sorriso, confidenciando:

- Eu sou bom mesmo! Sou formidável! Consegui tirá-lo da boca do corvo. Merecia uma medalha e uma estátua em praça pública por esse feito!

Alegria geral, risos e cumprimentos. Distração completa! Nesse instante, os aparelhos começaram a apitar nervosamente, acendendo e apagando intensas luzinhas vermelhas...

Os circunstantes se assustaram para valer e, nervosamente iniciaram os procedimentos cabíveis, lançando mão de desfibriladores, injeções, ressuscitadores e o que mais valha.

O principal responsável, o médico em questão, parecia um doido, gritando palavras de ordem, algumas desconstruídas. Os apitos, continuando... A linha da respiração ia se apagando no moderno aparelho e se tornando uma reta horizontal, a mais temível.

Nisso, o doutor se deu conta de sua vaidade, atribuindo a si a estabilidade do doente e, chorando, fez a profissão de fé e de seu discernimento em alta voz:

- Foste Tu, ó Senhor, que respondeste com a graça da cura a esse meu cliente. Eu fui um mero instrumento. A oração de teus filhos comoveu Teu coração divino e nos mereceu Tua misericórdia. Foste tu, ó Senhor Pai misericordioso, o autor da cura. Perdão, perdão por minha vaidade. Perdão, perdão por minha vaidade. Perdão, perdão por minha vaidade.

*

Daí, o milagre à vista dos presentes: os alertas sossegararam, as luzinhas esverdearam, os traços regularizaram, o paciente abriu os olhos, sorrindo fracamente, esticando os dedos das mãos. Logo em seguida, agitou os lençóis suavemente, anunciando seu regresso a esse mundo.

ANGELITUDE

Em oração piedosa e constantemente repetida, a mãe suplicou que Deus enviasse seus anjos para cuidarem do filho com traumatismo craniano. Que ficassem a seu lado, amparando-o, já que ela mesma não tinha coragem de assistir a tanto sofrimento de dores de cabeça de seu caçula, superficialmente sedado. A assistência ao doente internado fora repassada ao pai do rapaz e aos irmãos. A mãe, sentindo-se uma covarde, queria que os anjos a substituíssem... e que fosse perdoada. E orava. Ela sentia que o rapaz vivia o calvário de seus derradeiros momentos lúcidos, em preparação para a migração para Deus.

Horas depois, um dos irmãos saiu do plantão e contou que o doente se debatia muito, mas em dado momento, olhou para cima da própria cabeça e perguntou:

- Que é isso acima de mim? Um anjo?

*

Faleceu dez dias após.

Certeza que entrou na Graça pela Misericórdia!

A VICIADA CRISTÃ

Toda semana, pelo menos uma vez, saía de casa para, (religiosamente), sentar-se à mesa de jogo. Era bem aceita, contou ela, porque seu talão de cheques tinha fundos. O marido sofria com o vício da esposa, além do que, se arriscava perder o patrimônio, mas não conseguia impedi-la.

Provavelmente suplicava a Deus que a libertasse, pois era homem convertido de Cursilho, fervoroso e estranhamente paciente na espera, sem lhe tirar o privilégio do ter dinheiro em banco. Ela relutava contra os convites insistentes dos promotores dos Cursilhos; unia-se aos diz-que-diz-que de que aquilo era lavagem cerebral, invasão psicológica e tanta coisa mais. Pois bem, mais de um ano passou, muito tempo e dinheiro escoaram da família com a compulsão. Já ia mais amiúde aos cassinos domésticos de amigas até que nem sabe como, fez sua inscrição para o cursinho de cristandade, mesmo achando que não precisava daquilo, pois era cristã e, assim como não faltava ao jogo, também cumpria o preceito de Missa aos domingos com o mesmo fervor; não se considerava viciada ou longe de Deus...

Um verdadeiro rebuliço na alma durante os dias de reflexão e reclusão... e percebeu a extensão da escravidão a qual se sujeitava e converteu-se, disposta a encerrar tal assunto. Desconfiada, porém, de suas debilidades perante o vício, silenciou perante o marido. Esperava por algo mais. Chega, então, a quarta-feira da jogatina. Quando deu por si, já estava arrumada, penteada e com a bolsa onde guardava o talão de cheques. O marido despediu-se dela, como costume, mas seu semblante tentava esconder o desapontamento. E ela foi... e viu com olhos transcendentais, a sujeição, o jugo das cartas, a dependência. Conseguiu enxergar! Quando lhe indicaram a cadeira para que se sentasse, borbotões de sentimentos fortes a assolaram. Veio o nojo, a aversão, repulsa, vontade de fugir e se purificar. E assim fez. Confirmara-se a conversão, o ser livre, o ser cristã autêntica. A alguém que a inquiriu, respondeu:

- Não vou jogar nunca mais. Vou voltar para casa. Lá estão meu Deus e meu marido; não os quero perder.

Conforme disse, realizou; consolidou a decisão até agora. Isso foi há uns trinta anos, mais ou menos.

OS PUROS

Seu primeiro bebê, uma criança excepcional, uma frustração, um choque colossal. Católica, aparentemente conformada, foi acostumando com a Síndrome de Down, com a carinha de mongol que ia aprendendo aos poucos a sorrir, a pedir colo, a exigir enormes e dispendiosos cuidados. Chegou a consultar um médico na capital para esterilizar-se... sendo recusada por causa de seus vinte e poucos anos. Ela jurava a si mesma que amava seu primogênito, que o aceitava como aos demais pimpolhos que, ano a ano, chegavam, saudáveis, bonitos e fortes, aumentando a família. Ora, era católica praticante...

Um dia, estava na Igreja, em oração; assistia à Missa e o padre entrava a fazer a homilia sobre o trecho do evangelho “O sermão da montanha”. Já o escutara centenas de vezes; sobre ele já fizera meditação, mas nunca aquele versículo ressoara dentro dela dessa maneira, invadindo os tristes pensamentos relativos ao filho-problema, como dizia.

E, naqueles minutos, o versículo 8 foi a mensagem reconfortante: Bem-aventurados os puros de coração porque verão a Deus.

Deus lhe assegurava que amava seu filho tão puro de coração... e por que ela não o amava?

Como essa amiga é normalmente muito chorona, imagine com esse sutil e carinhoso toque da graça! Deus se manifestara! E ela descobriu como recebera uma alta graça de ter um puro de coração em sua companhia!

EU VOS ESCOLHI

Ela estudara durante um ano com a congregação e ficara com um desejo incipiente de ser freira. Como era muito nova, apenas doze anos, escondeu-o num cantinho da memória e do coração até que, aos vinte e dois, ele se fortalecera e queria explodir para a vida. A moça havia analisado algumas outras congregações mas aquela, ah, aquela, era especial. A psicologia juvenil recém-saída da adolescência não permitia a certeza, a certeza absoluta do que realmente queria. Rezava bastante. Às vezes, orações tranquilas, outras vezes, angustiadas pelo impasse e pela seriedade da decisão que não acontecia.

Foi quando o tifo a acometeu... e com ele, veio a magreza que a fazia diferente do que sempre fora. O anel de professora formada dançava no seu dedo, teimando em esconder a pedra verde, da colação de grau.

Uma ideia matreira se alojou na mente. Iria resolver, de uma vez por todas, seu caminho para o convento ou desistir para sempre. Iria ao colégio onde estudara há dez anos; se alguém sáísse e a reconhecesse como ex-aluna, seria o sinal de Deus, escolhendo-a para esposa. Seria freira. Difícil o plano, posto que as mestras eram periodicamente transferidas e substituídas...

Assim fez. Entrou no jardim do colégio quase furtivamente. Não bateu à porta, não apertou a campainha. Sentou-se num banco e esperou. Mentalmente, orava para que Deus a iluminasse. Reparou no anel virado, simulando uma aliança. Esperou algum tempo, pacientemente...

A alta porta rangeu e uma freira, Madre Vicenta, sai para uma voltinha no jardim. Olha para ela, fixa-a com carinho e diz:

- Estou reconhecendo...

A moça assustou-se, sentindo o coração em disparada. Madre Vicenta veio pertinho e apontou para o anel de ouro.

- Está noiva?

A voz saiu em falsete:

- Não, Madre, meus planos são outros... Quero servir a Deus como freira...

E foi assim que tudo começou, com delicada e expressa vontade d'Ele que nem se importou com o método usado por sua discípula.

POR VÓS E POR VOZ

Depois de determinado pelos compadres e congreiras o dia da próxima reunião, conscientizamo-nos que os dias de reinado de Momo nos afastariam do trabalho em prol das famílias carentes, durante uns quinze dias. Estávamos todos contagiados pela possibilidade de descanso, de tempo livre para ouvir música, cantar, visitar os amigos e, confesso, sem a mínima preocupação de ler as fichas dos que solicitavam auxílio. Essas fichas são normalmente preenchidas com cuidado, na secretaria da sede da Sociedade e após uma primeira análise da Diretoria, encaminhadas às Conferências para atendimento.

Não estávamos nos omitindo, não. Afinal, éramos voluntárias para o serviço de Deus na pessoa do próximo e, nessa ocasião, antegozávamos os feriados. As fichas permaneceram ali na mesa, bem diante de nossos olhos. Não nos sentíamos culpados pelas falhas do calendário profano. Eu fixei o olhar nas fichas... umas três ou quatro, em papel padronizado, tipo folha de rosto, impresso, exibindo o texto-descrição de histórias verdadeiras, de vidas em cruéis sofrimentos. Manuseei-as e descobri um pedaço de papel embaixo das fichas. Tentei decifrá-lo; a escrita era quase ilegível. Pedi ajuda aos demais. Ninguém conseguiu traduzi-lo. Recorri à secretária que o havia recebido e que me deu as explicações:

- Fim de expediente, armários já fechados para o início do feriado, quis passar logo o pedido de ajuda para ser avaliado na reunião e ficou assim... , desculpe!

Para não fugir à organização da Sociedade, guardei comigo o papel, com o intuito de trazê-lo, bem preenchido em ficha usual, na próxima reunião. Tudo acertado, fechamos a porta e fomos embora. O papel, comigo. Comigo, também, o conhecimento e respeito às normas da Sociedade: dois a dois, seja para visita de sindicância ou de atendimento. Sempre dois a dois.

Coloquei o papelzinho sobre a prateleira da estante da sala. Em cima dele, as chaves da casa. Durante aqueles dias, abri e fechei a casa muitas vezes e, em todas elas, observei o papel com preocupação. Quem seria? O que pedia? Seria realmente urgente? As perguntas sem respostas iam acrescentando ansiedade à curiosidade, sempre num crescendo, a cada dia mais sensível, afligindo, perturbando, agitando a consciência, doendo, ferindo a paz pessoal e se refletindo na família.

Inquieta demais, no sexto dia, comecei o planejamento da ação. Precisava atender àquele apelo! Avaliei os obstáculos. Grandes e de todas as ordens: era no município vizinho, o transporte seria rodoviário e parte, marítimo, difícilimo acesso ao bairro indicado e conhecido reduto de marginais, no feriado propício à ociosidade, bebedeiras e demonstrações de falsas alegrias, perigos, e a certeza de não estar agindo conforme as regras da Sociedade e dos próprios familiares. Animada pela fé em Deus, dei o primeiro passo. Era o sétimo dia. Mas, perguntava-me:

- O que direi, ao chegar lá? Nem sei do que se trata... como irei me apresentar?

Ensaiaava mentalmente:

- Eu vim... eu vim... e nada mais conseguia imaginar como início de conversa. Esse bloqueio de linguagem acompanhou-me durante o atropelado trajeto, vencido pouco a pouco, entre orações de entrega. Enfrentei blocos carnavalescos, aglomeração, uma condução disputadíssima, lugar ameaçador, calor e suor.

Sim, cheguei, depois de atravessar dois barracos construídos no manguezal, sobre estacas. Um dos vizinhos me acompanhou, pois o terreno escorregadio e íngreme oferecia perigo. Alcançamos um terceiro barraco: não passava de uma caixa grande, de madeira, ali colocado por gente que se apiedara. Da entrada, ele se despediu e deixou-me só, frente à missão que eu mesma me designara.

Entreí, tremendo. Escuridão quase total. Vislumbrei um corpo deitado no chão. Tive medo, muito medo. Na caixa-casa, se abrigava uma mulher, inválida a partir de uma queda. Lá estava ela, sozinha, à mercê da vida... carente de tudo... a miséria personificada. Fiquei sem

fala, por instantes. Olhei-a e fui tentando expressar, sem inspiração ainda:

- Eu vim..., eu vim... - e fiz uma pausa.

Neste momento, uma luz suave iluminou o cubículo. Uma voz, a mais clara e, no entanto, mais retumbante que jamais escutara, completou:

- **! EM NOME DE DEUS !**

Ambas choramos, assustadas.

Depois, refeita da emoção, comecei o resgate.

ELE PERMITIU, ELE RESOLVE

Eu via a responsável pela disciplina do colégio fazendo a ronda entre os corredores da escola, segurando um rosário, enquanto murmurava repetidas orações. Na saída da aula, interceptei-a, indiscreta:

- Você anda muito preocupada... posso ajudá-la?

- Pode rezar por minha filha! Ela está grávida; o feto apresentou várias anomalias congênicas e o aborto terapêutico foi recomendado, urgente, pois com a má formação, se nascer, poderá ser terrível. E eu rezo para que ela resolva logo...; dá pena vê-la nesse impasse, sem se decidir.

A confiança deixou-me um tanto angustiada; orei pela parturiente na gestação frustrada e pela cristã diante de um ato extremo. Algum tempo depois, interpelei minha amiga, ao que ela contou:

- Sabe o que minha filha resolveu? Não vai submeter-se ao aborto. Disse que, se Deus permitiu tal acontecimento, Ele o resolverá.

E assim fez a moça. Até o fim da gravidez, entregou-se a Ele. Completados os nove meses, chega a grande hora. Parto cesariana. Nasce um bebê de aparência desagradável, chora forte para a vida e, num soluço suave, morre. Foi sepultado na tristeza da família, mas em louvores a Deus que o poupou de tantas agruras terrenas. A mãe só teve saudade, não remorso. Era uma heroína. Inspirou-me esses versos:

DOCE MARTÍRIO

Feto doente, diz-lhe o lente,

Sem esperança...

Incisivo conselho:

Aborto terapêutico,

Legalizado, sem tardança!

Ela... aperta a agrura,

Reflete, escolhe, não tolhe

A vida concebida!

- Rezem por mim, pede...
Livre-me Deus da desventura
De matar indefesa criatura!

O pequeno cresce e recrudescer...
A mártir só se engrandece
Nas lágrimas e no contido temor
Até que o esperado dia amanhece.
Criança fraca, triste, enferma,
Fica pouco neste mundo.
Minutos depois... revive em amor
Em espaço além, na eternidade!
Aqui deixa mãe em felicidade
De plácida e cálida e apenas...
saúde!

ATÉ NA BRINCADEIRA

Precisava vender o carro, urgentemente, senão o saldo no Banco ia estourar. Teria, no máximo, uns dois dias de prazo. Deixara o veículo no revendedor, em exposição, já há um mês e nada de interessado chegar. Virou-se para a cunhada, ferrenha devota da beata Madre Maria Theodora Voiron e falou em tom de brincadeira:

- Pede para Madre Theodora vender meu carro.

A cunhada riu, respondeu que ela estava em férias para esses assuntos e saiu em busca de um lenço, na bolsa. A primeira coisa que viu foi o santinho da amiga celeste e então, leu mentalmente a oração contida no verso, pedindo que intercedesse na venda do carro. Depois, voltou à sala onde os familiares se achavam reunidos e dirigiu-se ao cunhado em tom de pilhéria:

- Falei com ela! Respondeu para você abaixar o preço, que vende!

O homem se alterou, perdeu a esportiva e desancou:

- Como... abaixar o preço?... é o mínimo da cotação, justamente para facilitar a venda. Beata não entende nada disso, mesmo. E você brinca, não é? Nunca ficou na corda bamba com Banco nenhum... estou preocupadíssimo e ninguém respeita... e continuou desabafando. Ato contínuo, pegou a moto e se mandou para o centro da cidade, bravo como quê, abandonando a turma boquiaberta. Voltou horas depois. Havia vendido o carro. E explicou a todos e à cunhada admirada:

- Encontrei o Maurão na porta do supermercado, lembra dele? Daí, ele disse que vira meu carro no revendedor e que tivera uma baita vontade de comprá-lo.

- Ora, por que não comprou?- perguntei.

Respondeu que eu estava puxando no preço, pedindo Cr\$ 3.100,00... foi como um tapa na cara... o preço era Cr\$ 2.400,00 o corretor subira demais a comissão. Despedi-me e fui à loja. Bate-boca pra

cá, desaforo pra lá, quando vem um freguês e, na minha frente, encantou-se com o carro e fechamos negócio por Cr\$ 2.500,00, sendo 100 para o revendedor. Depositei já o cheque, assinei a transferência... sou homem novo!

- Então, Madre Theodora acertou e advertiu-o, concluiu a devota. Tenho que assistir à Missa e agradecer. Ela não falha, nem na brincadeira!

GARANTIA

O menino aniversariava e, de presente, recebera do tio um aparelho de som, portátil, de última geração. Com seus treze anos, já começava a apreciar música, vibrando com o tesouro ganho. Acontece que havia planos dele ir para um acampamento durante as férias. Pretendia levar consigo o objeto querido, contra o parecer da mãe, que o alertara:

- Olhe, você vai para um lugar com moçada, não conhece os hábitos deles, pode ser que o quebrem, que você perca os CDs, pode acontecer muita coisa desagradável. É coisa cara, eu e seu pai não poderemos repô-lo, caso o roubem. Deixe aqui em casa. Tomo conta e prometo que ninguém vai mexer com ele.

A resposta foi rápida, incisiva e agressiva (e o que se esperava de um pré-adolescente?):

- O som é meu, a senhora não manda nas minhas coisas particulares! A responsabilidade é minha!

Assim se fez!

Sucesso absoluto. O som possante alegrou a turma na hora livre, o pessoalzinho o rodeava e se ensurdecia com os rocks pauleiras e congêneres. Até ao celeiro o levaram, embora lá permanecesse mudo, conforme ordem do monitor, a ministrar ensinamentos rurais. Por estar mudo, ficou no celeiro. Era o último dia e a folia do congraçamento, troca de endereços, espera da condução, tudo contribuiu para o esquecimento.

Em casa, com o reencontro, ninguém deu falta imediata. No dia seguinte, o alarme dolorido do pequeno dono. Procurou a mãe imediatamente, contando-lhe a tragédia. O sofrimento se estampara na cara do garoto, penalizando também a mãe que poupou-o do tradicional: eu te avisei. E ela se inquietou com ele. Ao telefone, localizou o caseiro da fazenda onde houvera o acampamento. Ele prometeu que procuraria e daria uma resposta dali a algumas horas. Tempo de esperança! O rapazinho, perturbado pela perda, abraçou a mãe e pediu-lhe

desculpas por aquela resposta atravessada que proferira. A mãe consolou-o e aguardou na maior ansiedade, o telefonema. Infelizmente, o homem não achara o aparelho. Tristeza!

Nada mais podia ser feito. Os demais compromissos da casa tinham que ser cumpridos e ela se entregou aos afazeres, sem esquecer da frustração do filho. Acontece que no crepúsculo daquela tarde, haveria a celebração da Missa de Natal e a família, líder da comunidade, deveria comparecer, com os filhos. A liturgia foi belíssima, com a adoração do Menino Jesus. Na fila, percebeu o olhar de seu filho, embaçado por lágrimas e compadeceu-se dele, mais ainda. E aí fez sua prece, pedindo ao Menino Jesus, suavemente deitado em palhas, que fizesse alguém encontrar e devolver o objeto querido, também abandonado sobre palhas, num celeiro.

Terminada a Missa, ela abraçou o filho e disse-lhe, com a maior fê:

- O Menino Jesus vai te reaver o som. Acalma teu coração e já pode ir agradecendo. É só esperar um pouco...

O relógio marcava 21 horas, quando chegaram em casa e o telefonema aconteceu. O caseiro descobrira um pacote de jornal, amarrado com tiras de saco de linhagem, atrás da porta de um banheiro de roça. Algum gatuno da vizinhança entrara na fazenda durante o dia e preparara o pacote para vir buscá-lo no escuro da noite. Aquele sanitário se achava em desuso, próprio para esconderijo. Desembrulhado o pacote, o lindo aparelho se revelara e o empregado ficara acordado, com vontade de dar ao rapaz e àquela família, a boa notícia.

A ENTREGA

Ela contemplava a filhinha morta. Teve um pensamento de alívio: pelo menos, não sofria mais. Olhou para o frasco de soro misturado com os antibióticos, que carregava por fora da janela do carro, para proporcionar altura suficiente para que o medicamento escorresse dentro das pequeninas veias da menina. Sabia que não adiantava mais, que poderia tirá-lo, mas permaneceu assim mesmo. Olhou o motorista do carro, seu marido e para a outra criança afivelada no cinto de segurança, no banco da frente e chorou mansa e equilibradamente, silenciosamente, para que eles não percebessem a tragédia.

Olhou mais uma vez para o soro e, ao longe, viu alguém se aproximando, uma mulher delicadíssima, que entrou no carro, a seu lado, sem haver espaço físico, mas ela estava ali e contemplou a criança. O carro se inundou de paz. A mãe, por segundos, se preocupou de se encolher para que a mulher se acomodasse, mas percebeu que não era necessário; grande, adulta, com um manto branco sobre os cabelos, cuja cor mudava para azul, ao chegar aos ombros, acompanhou-os no trajeto, por uns dois quilômetros; ou melhor, até que a mãe lhe fizesse a entrega solene:

- Eis minha filha, agora é Sua; tome conta dela...

E a visualização continuou com a menina e a mulher de manto azul caminhando, flutuando, melhor dizendo, de mãos dadas, sem olharem para trás, até desaparecerem. O corpo inerte da menina continuou no colo. A alma já seguira para o céu, acompanhada por Maria.

O pai motorista pressentiu algo, virou-se e tentou acariciar a menina.

- Como ela está?

- Não é mais nossa... não está mais aqui! - avisou a mãe, em paz.

A viagem prosseguiu entre o choque e agoniadas ave-marias, no exercício terrível de entrega. O sofrimento humano era intenso. A consolação, porém, já era latente.

Foi tão forte esse sentimento de perda, tão traumatizante a partida, que essa mãe ficou quase um ano sem rezar à Nossa Senhora, como se Ela tivesse vindo para roubar-lhe a filhinha... até que, certo dia, ao entrar na Catedral de Bragança, vê a imagem de Maria e reconhece o manto branco e azul. Reconcilia-se... e renova a entrega, agora consciente de que havia vivido a presença amorosa e amiga da Rainha do Céu, mãe de Jesus.

LUZ

Muito difícil, no transcorrer de um Cursilho de Cristianidade, o isolamento ou a falta a alguma palestra. Mas fui à capela. Lá fiquei, sozinha, sem que ninguém, nem a minha dirigente, desse pela falta ou pela cadeira vazia na sala de reunião.

Quedei-me contrita, aos pés do sacrário. Tinha comigo, um conflito ardente, pois precisava resolver entre a ligadura de trompas e o ensinamento da Igreja Católica, algum tempo depois de lançada a encíclica *Humanae Vitae*, na qual o Papa proibia qualquer esterilização definitiva, feminina ou masculina. Eu possuía razões de sobra para me submeter a essa drástica solução. Não é o caso de explicá-las, e sim, notar a bondade de Deus em responder a alguém aflito. O tempo chuvoso, enevoadado, escurecia o ambiente. As cortinas se achavam entreabertas. Senti medo na capela, olhando o Crucificado, aquele Homem - Deus sofrido, a quem eu tanto amava. Meu medo maior, porém, seria ofendê-lo, perder meu estado de comunhão com a graça divina, em virtude da decisão que, supunha eu, deveria tomar e executar, em mais curto espaço de tempo possível.

Expus ao Bom Amigo, o conflito. Aos vinte e sete anos, já com cinco filhos, família assalariada, disponibilidade psicológica caducando e a Igreja exigindo um fardo pesado demais na possibilidade de mais filhos futuros. O monólogo nervoso subia do fundo do coração, aos borbotões. Na mente, o receio de ser encontrada, fugindo às regras do evento no qual me encontrava. A semiescuridão do céu e do recinto induziam à tristeza, ao aumento da tribulação. Num certo momento, parei de falar e somente chorei. Ele sabia de tudo, conhecia o íntimo e as intenções mais escondidas; as palavras seriam incompletas, dispensáveis.

Aí, se manifestou a extrema bondade: da janela, um raio de sol incidiu maravilhosamente, no Crucificado. Meus pés tornaram-se leves, dando a impressão de flutuar e essa leveza foi subindo com delicadeza, tomando conta do corpo. E a paz se fez, intensa, satisfatória,

crível, sensível. Minha alma sentiu a resposta, a certeza de que Deus nunca romperia comigo, houvesse o que houvesse. O espaço de tempo era impossível de ser medido. Como veio, extinguiu-se a luz solar e, novamente, o tempo escureceu e, conseqüentemente, o ambiente.

Eu sentia a luminosidade do amor de Deus e quero testemunhar essa belíssima experiência que me transformou e ressuscitou minha esperança!

AO MENOR DOS MEUS

Economizamos com sacrifício em prol de uma pequena viagem domingueira. Na semana anterior à partida, havia morrido nosso vizinho, deixando órfão um menino da mesma idade de nosso filho e seu grande companheiro de peraltices. Compadecidos, resolvemos convidá-lo a nos acompanhar. Avaliando os custos da caridade, combinamos controlar os gastos, devido ao limitado ordenado do meu marido.

A vizinha viúva, financeiramente pior que nós, permitiu a ida, enquanto incumbi-me de conseguir uma roupinha menos puída para o convidado. E lá fomos nós. Experimentamos o *dolce far niente*, as andanças pela praça florida do nosso destino, a Missa dominical na velha Igreja, passeio de trenzinho, almoço, jantar, sorvete, refrigerante, pipoca etc.

O órfão, de comportamento tranquilo, aproveitou bastante; só pedindo tempo para comprar uma lembrancinha com as moedas que a madrinha também pobre, pusera em seu bolso. Demos a oportunidade, na certeza que seria para a mãe dele.

A alegria nos nossos semblantes não impediu que, na viagem de volta, eu me pusesse a inventariar e calcular como enfrentaríamos o resto do mês quanto a compras de mantimentos. Seria difícil... a aventura com mais um extrapolara nossas condições financeiras.

- Não faz mal -, me sossegava, - há jeito pra tudo -, pois via a criança feliz e a família recarregada de energia. Hávamos gasto trezentos e cinquenta reais ao todo, uma pequena fortuna...

Ao nos despedirmos, o garoto me entregou a tal lembrancinha. Era para mim! Comoção forte, causada por um simples marcador de livro, feito de plástico. Exultei pela gratidão demonstrada pelo pequeno.

Após o afã da chegada, fui oferecer a Deus minha própria gratidão pelo magnífico passeio e coloquei o marcador de livro na Bíblia que enfeitava a mesinha. Folheei-a e recebi a inigualável sur-

presa de achar várias notas de papel-moeda entre suas páginas. Estranhei demais, pois eu, desempregada há muitos meses, não teria tido reserva alguma para me dar ao luxo de deixá-las guardadas num livro. Perguntei ao marido; não era dele. Perguntei ao filho... que só meneou a cabeça, assustado.

Contei o dinheiro: trezentos e cinquenta reais. Um arrepio me indicou que algo inusitado se fazia presente. O espanto calou-nos por instantes. Depois, ajoelhamos e agradecemos, num estado quase de choque.

*Passado muito tempo, o fato quase caiu no esquecimento, até que li o **PROVAI E VEDE COMO O SENHOR É BOM!** e tive a certeza de que também eu, já experimentara uma inolvidável delicadeza de nosso Deus, fato que podemos chamar de milagre. Por que não?*

PIZZA SABOR CÉU

Eles levaram o filhinho à quermesse da paróquia, na tarde linda de domingo. Música, movimento, jogos de argola, pescaria, bolas, pipocas, pastéis e mais uma porção de coisas. O pequenino passeava, encantado com tudo, dando a mãozinha aos jovens papais.

Um lanchinho trazido de casa, de reserva, caso o pequeno demonstrasse fome, porque o casal não tinha tostão para gastar na festa beneficente.

Até que ele viu alguém comendo um pedaço de pizza. E decretou, apontando e exigindo na linguagem infantil, categórica:

- Quero pizza!
- Tome seu pãozinho com manteiga, querido.
- Quero pizza!
- Vamos olhar os peixinhos...
- Quero pizza!

Diante da determinação da criança, a mãe, sem simplicidade de pedir, e encabulada com a própria pobreza, prometeu:

-Vamos para casa, querido, lá farei uma pizza gostosa para nós todos.

O garoto voltou choramingando enquanto ela pensava em como cumprir a promessa, com a despensa sempre vazia.

No caminho, rezava.

Em casa, o pai foi distraído o menino e ela entrou na cozinha: achou um pouco de farinha, segurou contra o peito e suplicou de joelhos frente ao fogão que pudesse saciar a vontade do inocente; que Deus abençoasse a comida que pretendia oferecer. Confiante, juntou à farinha, água e sal, esticou a massa na assadeira. Como cobertura, cortou um único tomate em rodela bem fininhas, refogou com óleo e um restinho de tempero e colocou no forno, com a alma recolhida em Deus.

O resultado foi satisfatório; então, preparou a mesa para os três, feliz por ter conseguido a façanha.

O filho manifestou alegria inusitada. Começaram a comer...

Eis que soa a campainha e ela atende: a cunhada com a família. Eram vizinhos.

- Olá, amiga, você vai nos desculpar, mas o cheiro delicioso de pizza que está exalando desta casa aguçou nosso apetite. Está um perfume indescritível! Qual o sabor dela?

- Sejam bem-vindos! Comam conosco! Bem, a pizza tem sabor de... de céu!

SINAL DE MARIA

Terminada a faculdade de arquitetura, a vontade de realizar um sonho: viajar para a Itália. Muitos se opunham: meus pais, por não poderem me ajudar financeiramente e meu noivo, abominando a ideia de ficar tanto tempo distante.

O desejo, porém, foi consumado. Meu carro foi roubado e com o valor pago pelo seguro, comprei a passagem. Chegando ao destino, receberam-me amigos com quem eu estaria por cinco meses. Uma satisfatória e nova experiência de vida. Logo fui apresentada ao grupo de orações, que também me acolheu fraternalmente. Minha formação religiosa não havia sido católica e nem era de fé viva, mas me adaptei aos jovens orantes, naquelas reuniões onde sentia a alegria e a amizade.

Preparando-nos para a virada do ano, cada componente do grupo sortearia seu santo protetor, cujo nome estaria escrito num papel. No meu, li a mensagem:

- Que Deus te acompanhe neste ano com Santa Maria, mãe de Jesus.

Sempre tive simpatia respeitosa por Nossa Senhora, pelo que ouvia de alguns familiares católicos marianos, mas agora sabia que ela queria estar mais próxima de mim, mais presente em minha existência. Como isso aconteceria? Um membro do grupo deu-me a certeza. Com um telefonema meio misterioso, insistiu que eu fosse à sua casa para uma surpresa. A ele havia sido recomendado que fizesse orações intercessoras em prol de minha espiritualidade. Ele acendera uma vela e se recolhera em prece por mim. Muito contrito, ao elevar os olhos, recebeu como confirmação a figura que se formara a partir dos pingos da cera derretida: uma imagem genuflexa, perfeita, de Nossa Senhora, com véu, rosto, mãos. Fiquei admirada e calamo-nos por alguns segundos. Batizamos de A Madoninha da Vela Branca.

Guardo na memória e no coração a prova de que Ela está sempre ao meu lado. Aleluia!

O INESPERADO

Em 23 de dezembro, estávamos viajando para passar o Natal no Rio de Janeiro, com minha família, eu, meu marido e cinco filhos. A mais velha já havia viajado com a avó.

Na altura de Barra Mansa, Via Dutra, começou a chover e a pista ficou escorregadia (meu marido sempre evitou alta velocidade, inclusive porque as crianças enjoavam). Somos católicos e participantes do movimento das Equipes de Nossa Senhora, há muitos anos. Íamos tranquilamente, portanto, quando houve o estouro repentino do pneu e ele não conseguiu controlar o carro que rodava no asfalto molhado. Lembro que gritei:

- Valha-nos Deus e Nossa Senhora.

Muito rapidamente, o veículo capotou uma, duas, três vezes até parar à beira de uma ribanceira, onde o porta-malas abriu e jogou toda a bagagem pela encosta onde estancamos. O banco traseiro deslocou-se e impediu que saíssemos pelo porta-malas aberto. As portas da frente, amassadas, estavam travadas. Dois “anjos” caminhoneiros estacionaram lado a lado na perigosa estrada, protegendo-nos, impedindo novos e piores acontecimentos caso fôssemos abalroados por outros. Saindo dos seus pesados veículos, tiraram-nos com cuidado, das ferragens. Por Jesus e Maria, fomos saindo, todos os sete, sem qualquer arranhão, sem fratura, sem contusões.

Lembro-me bem que, após ver meu marido e meus filhos bem, ajoelhei-me ali mesmo, no acostamento, agradecendo por Seu amor e proteção. O carro, totalmente amassado, atestava que ninguém poderia ter sobrevivido, a não ser que Ele assim determinasse.

Louvores a Deus, companheiro de viagem!

MOMENTO DE APOIO

Era quase uma hora da manhã. Ela fingia não ter sono, em frente à televisão. Seu olhar mais fiscalizava as atitudes do filho caçula, moço de 21 anos, do que a telinha. Disfarçando a preocupação, dirigiu-se a ele:

- Bem, está na hora de dormir. Vamos descansar, filho?

- Eu não, estou esperando o Wagner voltar com a moto, para eu sair.

- Agora, de madrugada? Isso não é hora de passear, ainda mais de moto. Deixa para amanhã. Seu irmão foi a uma festa e deve demorar.

Com agressividade, o rapaz retrucou que não ficaria mofando em casa num sábado à noite, que iria encontrar os amigos para se divertir... e mais todas as desculpas que os pais conhecem.

Os sentimentos da mãe se misturaram: como cuidar desse moleção em processo de tratamento antidroga? Ele iria expor-se perigosamente. Se reencontrasse os companheiros, a reincidência seria certa. Sabia que seu caçula estava longe de ser um modelo de força de vontade e que apresentava um comportamento já afetado pelo vício do qual ele mesmo pedira ajuda para se libertar.

Amargurada, sabendo do pouco alcance de seus conselhos, retirou-se ao quarto e lá, deu vazão às lágrimas de medo do que provavelmente, iria acontecer. Mais um amanhã de procura pelo filho pelos hotezinhos do centro ou uma busca nos hospitais, a ligação para a polícia, talvez, como já fizera tantas vezes.

Automaticamente, encontrou-se rezando e confiando, em esperança intranquila, que Deus resolvesse. Fazia pouco tempo que se transformara em fervorosa orante, por ver que sua vida, já complicada por muitas provas e necessidades, se delineava com mais esse grave dissabor. Seus outros filhos evitavam o caçula problemático, hostilizavam-no, querendo se livrar do aborrecimento e vergonha. O pai,

sem qualquer interferência no caso, resguardado em seus próprios erros, calava-se.

O ronco da moto no quintal fê-la estremecer. Ouviu o abrir e fechar de porta, um ligeiro desacordo entre os irmãos e, novamente, o motor em movimento. Ela fechou os olhos e encolheu-se sob o cobertor como para amenizar o desamparo que sentia. Foi quando Deus se fez presente.

Em menos de quinze minutos, ouviu, novamente, o barulho da moto. Esperou a maçaneta ranger e levantou-se. Seu rapaz mostrava um semblante carregado e lhe sussurrou, devagar:

- Mãe, preciso de um analgésico, urgente; de repente, veio uma dor de cabeça de rachar. Incrível, tenho que me deitar...

PALAVRAS QUE CURAM

Domingo de carnaval, de manhã. Ressaca dos foliões. E o doentinho piorando sob o sarampo inclemente. Febre próxima dos quarenta graus, renitente ao antitérmico. A aparência abandonada do pequeno, com seus olhinhos verdes brilhando, úmidos, inquietaram-me impiedosamente. Já havia telefonado ao médico pedi-atra e, quem atendera, tinha ordens expressas de não acordá-lo, visto ter chegado do baile em alta madrugada.

Lembrei-me de um vizinho, também médico e, num ímpeto, saí à sua procura. Estava determinada a trazê-lo para ver meu filho de três anos.

Ao atravessar a rua, parei ante a buzina insistente de um velho fusquinha. O motorista alegre saudou-me cordialmente. Reconheci o padre assistente espiritual da Equipe de Nossa Senhora, à qual eu e meu marido pertencíamos.

- Bom dia, amiga. Como vai?

- Padre, meu caçula está mal com o sarampo, largado no berço, ofegante, ardendo em febre. Estou aflitíssima, indo em busca de um médico que mora ali adiante. Tenho medo! Sarampo pode degenerar e provocar tanta sequela!

- Calma, querida. Deus acode as mães aflitas, principalmente aquelas que amam a Maria. Não se preocupe, quando você voltar à casa, seu filho estará muito bem. Criança é assim...

- Os anjos digam amém. Obrigada, padre. Quer ir até lá?

- Não posso, o trabalho pastoral me aguarda. Confiança!

- Adeus, reze por ele!

- Já estou rezando! Até outro dia!

Prossegui no meu intento e, correndo, toquei a campainha. Insisti... e nada! O médico viajara, aproveitando os feriados, assim me confirmaram os jornais jogados na varanda.

Voltei para casa na maior apreensão.

Abro a porta e... deparo com a minha criança andando de velocípede pela sala, vigorosamente, feliz da vida. Inacreditável! Pasmei!

“Quando chegar em casa, seu filho estará muito bem”, dissera-me o padre. Eu, que nem o considerava lá muito santinho... e isso é coisa de gente santa, palavras que curam, como a do Santo de Israel.

Como aconteceu uma transformação dessas?

TRECHO DE CARTA

... e por falar em Equipes de Nossa Senhora, gostaria de lhes contar algo que talvez, possa ser aproveitado em seu próximo livro: Marina do Rachid (vocês conheceram esse que é um dos mais doces casais das equipes de São José dos Campos?) nos contou em nossa última reunião das chamadas equipes mistas. Ela, juntamente com outras senhoras, faz uma espécie de apostolado junto aos velhinhos do centro geriátrico em que se transformou o Hospital Vicentina Aranha. Uma vez por semana vai bater papo com os velhos cujas famílias os internaram naquele asilo. Dentre eles, havia um tal que, de tão azedo e mal-humorado, era quase sempre esquecido pelas voluntárias. A querida Marina afeiçãoou-se ao enjeitado e não desistiu de procurá-lo até que, por fim, ele começou a conversar com ela, normalmente. O velhinho foi ficando seu amigo, cada vez mais suave, à medida que conversavam semanalmente.

Pois bem, certa noite, Marina sonhou muito com Nossa Senhora. Foi um sonho tão gostoso e surpreendente que ela chegou a comentar com Rachid logo ao acordar. Nesse mesmo dia, Marina foi para seu apostolado na geriatria. Assim que o velhinho a viu, perguntou-lhe:

- Nossa Senhora foi conversar com você, não foi?

Marina lembrou-se imediatamente do sonho e perguntou ao ancião:

- Mas como é que o senhor sabe disso?

Ao que o velho respondeu:

- Ora, mas eu pedi a ela!

A ROSA

Aproximava-se o dia de Santa Terezinha do Menino Jesus, cuja promessa “Vou passar meu céu fazendo o bem na Terra” deu origem ao costume de pedir-lhe graça e, como resposta afirmativa de atendimento, receber uma rosa, flor que ela muito admirava. “Derramarei uma chuva de rosas quando morrer”, ela também disse. Entre os católicos, é um sistema simpático de comunicação e louvor à santa padroeira das missões.

Eu tinha um problemão insolúvel por vários anos (já fazia parte do meu cotidiano), mas estando em viagem de recreio, com tempo previsto em percurso de carro de onze horas, mais ou menos, lembrei-me dele e pedi à Santa, uma solução.

Eu, consciente de que em viagem, Santa Terezinha não teria chance de inspirar ninguém a colher, ou comprar e me dar uma rosa, como resposta. De que jeito?

Procurávamos amenizar o cansaço, conversando e cantando. Escolhemos as mais antigas, que decorávamos em nossos tempos de bailes de sábados e de admiração pela voz de Orlando Silva, o Cantor das Multidões.

Começamos: “...tu és divina e graciosa, estátua majestosa do amor, por Deus esculpida...” ; por sinal, há pouco tempo recomeçaram a divulgá-la em uma simpática publicidade na televisão.

Pois bem, nós dois forçávamos a memória para recordar a longa letra; resolvi, então, pegar um papel e anotar palavra por palavra até deslindarmos o quebra-cabeça, separando as estrofes que acorriam à lembrança, pouco a pouco, desordenadamente. Assim nos distraímos e chegamos ao consenso de organizá-la da melhor maneira, praticamente inteira. Só emperramos no nome da canção..

Então, meu marido disse:

-...ofereço a você, esta canção... e cantou-a romanticamente para mim, seguindo o escrito. No fim, exclamou, contente:

- ...como pude esquecer? O nome da canção é Rosa!

Um tremelique me ocorreu! Havia ganho a rosa de Santa Teresinha em forma de canção! Ninguém comprara a flor, nem parara o carro, mas dera-me, usando a agradável e sonora metáfora! Tive a certeza de que a graça iria se realizar!

Ele insistiu em saber o quê ou a quê eu aspirava. Respondi que guardaria segredo até que acontecesse.

Dali a dois meses veio a solução do problema, com a delicadeza e sutileza próprias da santinha carmelita, sem barulho ou trauma para ninguém, apenas com a beleza de uma rosa a desabrochar.

Deo gratias!

Com esse relato, também ofereço uma rosa a você, leitor.



A CRUZ DESENHADA

Sob o impacto do falecimento do caçula, aos 33 anos, a família permanecia em grande dor. Cada dia a ser vivido era uma superação pessoal e conjunta, trabalhando para vencer o luto e a tristeza cruel instalada no âmago, no cerne da casa. Nesse ambiente, apareceu a proposta inusitada do chefe da casa. Participou a vontade enorme de “plantar” uma cruz no ponto mais alto da propriedade rural, onde morava com a esposa. Considerava tal desejo como uma inspiração.

A mãe escandalizou-se:

- Mas, como? Não estamos sofrendo o bastante? A cruz é instrumento de suplício e vai reforçar nossa dor. Esqueça isso, por favor!

- A cruz é redenção, é sinal do amor de Deus por nós.

- Sim, mas imagine como Nossa Senhora padeceu a cruz também! Não quero nem pensar nessa possibilidade!

- Você não venera a cruz da nossa salvação?

- Sim, mas não quero vê-la em casa, de tamanho natural. Vai me angustiar muito mais!

E a conversa parava por aí, sossegava uns dias antes de voltar à baila novamente. Ele queria, ela abominava, mesmo com certa culpa por hostilizar o sinal do plano salvífico. Sempre fora muito religiosa, mas à essa ideia reagia com convicção inesperada e contrária.

O marido deixava o tempo passar com a esperança de que ela permitisse a colocação da cruz. Ela, recolhida num sofrimento indizível, continuava teimosamente contra.

Até que a determinação dele venceu. Resolveu fazer, mesmo sem a aquiescência dela. Chamando um marceneiro que trabalhava na paróquia que frequentava, acertou tudo, dando as medidas e lhe encomendando tanto a compra e transporte da madeira como a feitura da base que o arquiteto, seu outro filho, planejara. Tudo com certa discrição para evitar confrontos desnecessários com a contrariada mulher.

Enquanto o trabalho transcorria, ela se encorujava pensando que a visão da linda pedra onde seria edificada a cruz, ficaria tenebrosa e assustadora. Chorou muito.

Em uma semana, mais ou menos, ficou pronta. O caseiro a lixou e recobriu-a com produto conservador.

Ela nem olhava naquela direção. Os dias se arrastaram para a mulher. Saiu poucas vezes de sua chácara e, quando isso sucedia, movia a cabeça para o lado oposto ao lugar, a fim de não relembrar da sua própria cruz. O marido, prudentemente quieto.

Numa manhã de sol, após muitos conflitos internos, orações, meditações, a mãe enlutada decidiu ir até a cruz. Caminhou devagar, penitente, e foi se persignar diante do símbolo cristão.

Olhou com fé. E viu! A madeira chamada “angico” apresentava a partir de seu nó, na parte vertical, onde estariam as pernas de Jesus, em nuances de claro e escuro, a forma perfeita de uma mulher ajoelhada, com as mãos postas, em atitude humilde e reverente, sob um manto comprido.

Lembrou-se de haver escutado uma pregação sobre a quarta cruz no Calvário, a cruz da mãe acompanhando o martírio do filho de 33 anos.

- Nossa Senhora! -, exclamou, emocionada.

Perplexa, anunciou-a ao marido e ao caseiro tomada de grande alegria e a todos que encontrava, participava a consolação maravilhosa.

Tornou-se mais conformada e grata ao marido, pela Cruz.

Identificou-se com a figura, a fotografou e até hoje, depois que a ação do sol e da chuva em três anos, e os movimentos da madeira deformaram o amado desenho, guarda como carinhosa dádiva, a foto que orna a capa deste livro.

Quanta delicadeza de Deus, consolando-nos por desenhos da natureza!

Jesus, nós Te adoramos e Te bendizemos porque pela vossa Santa Cruz remistes o mundo!



MIL NOVECENTOS E VINTE E CINCO...

Faz muito tempo...
A família herdou a história de Deolinda Ferreira, por tão inusitada. Uma tarde, ela deitou-se para descansar e, embora não adormecesse, permanecia quietinha e em paz. Aos pés de sua cama, apareceu um vulto indefinido, grande, que se identificou como anjo e avisou-a:

- Prepara-te, faz todo o bem que poderes, pois em breve, virei buscá-la.

E desvaneceu-se. Deolinda sentiu o coração disparado. Procurou e encontrou o marido na casa e relatou-lhe o acontecido. Juquinha tratou de acalmá-la e, durante longo tempo, analisaram o assunto. Ele chegou à conclusão que teria sido um pesadelo, em vigília... Deolinda ponderou consigo mesma. e resolveu que, pelo sim, pelo não, seguiria o conselho da visualização.

Nesse tempo, uma doença infecciosa abateu-se sobre a menina Edith, de quatro anos. Angina escarlatínica, primeiro caso em Santos SP. O médico ordenou isolamento domiciliar, só permanecendo ao lado da enferma, a mãe Hermínia. As outras crianças da casa foram divididas entre os parentes.

Deolinda dedicou-se a ajudar no trato de Edith. Infelizmente, depois de poucos dias, a menina morreu.

Deolinda voltou à casa e ao marido, depois do ato de caridade, de alma mais leve por haver vencido o medo do contágio. Continuou a procurar ocasiões de ser útil e amorosa com o próximo até que, um dia, o vulto retornou, dando o recado:

- É chegada a hora.

Ela correu ao marido. Abraçaram-se. Mais uns dias e ela seguiu o anjo, levando a bagagem do Bem.

APAZIGUAMENTO

Sempre que ficava sem serviço, a ansiedade apoderava-se do artista plástico e ele sofria as incertezas próprias da situação. Sendo batalhador, havia já enviado um projeto artístico para a Basílica de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, há mais de mês. A Comissão encarregada de analisar e responder, permanecia muda. E ele, esperando, sabendo que outros artistas também pleiteavam a mesma honra.

Um dia, muito preocupado, começou a rezar à Virgem, oferecendo-lhe seus préstimos e suplicando ajuda para realizar esse sonho maior. Contrito como estava, ouviu dentro de si, uma voz feminina, doce, que lhe segredava, num repente:

- Espere chegar ao meu peso!

Sentiu-se estranhamente agraciado, apesar de não entender e aguardou, com o ânimo agitado, que acontecesse a explicação. À noite, ligou a televisão para assistir ao noticiário. Durante o programa, apareceu na tela a cotação do dólar em relação ao real: R\$ 2,550. Clara surpresa: lembrou, no ato, do peso da imagem aparecida nas águas do Rio Paraíba, exatamente dois quilos, quinhentos e cinquenta gramas.

O orçamento para a arquidiocese havia sido calculado em dólares em vista de ser muito prolongada a pretensa execução. O artista entrou em euforia. A compreensão do mariano recado sussurrado em seu íntimo!

Na manhã seguinte, o telefonema do sacerdote encarregado, fechando o negócio para a Basílica velha e, com o transcorrer dos acontecimentos, veriam da possibilidade de trabalho na Basílica nova.

O projeto foi apresentado ao CONDEPHAAT, no aguardo da aprovação. Comentando o fato com o eclesiástico, ele lhe respondeu, cético:

- Ah, esses artistas...!

COMBUSTÍVEL

Na época em que aconteceu o fato, não existia diesel, portanto, seu caminhão tinha motor à gasolina, armazenada em dois tanques, um com a capacidade de duzentos litros, outro com cem litros, interligados entre si por uma torneirinha. Seu costume era mantê-la fechada e ir gastando apenas os cem litros, deixando a reserva sempre cheia, para evitar falta do combustível na viagem de volta. É, não havia muitos postos de abastecimento, como os temos hoje...

Havia um acordo entre ele, o dono, e seu ajudante (outro costume antigo), de não mexerem na tal torneirinha, sem que fossem os dois concordes.

Naquela inesquecível viagem, a mercadoria era sal a granel. O itinerário: de Santos, litoral paulista, até Dourados, Mato Grosso.

Pois bem, lá chegando, o rapaz ficou numa madeireira, negociando carregamento de madeira para vendê-la em Santos, enquanto o ajudante concluía a entrega da carga de sal, no centro de Dourados, dirigindo o veículo. O lote de madeira custou-lhe até o último centavo, mas consumou o negócio. Esperou o caminhão voltar da entrega, carregaram-no de novo e iniciaram a viagem de regresso, com a estimativa de rodarem por umas dezenove horas. Estavam no fim da tarde, mas revezariam na direção e no descanso.

A chuva começou fina e foi engrossando aos poucos. A estrada de terra transformou-se em lama e o consumo de combustível aumentou. O marcador indicava que o tanque de cem litros encontrava-se quase vazio. O caminhoneiro não se preocupou, tendo em vista a reserva... até que foi avisado pelo companheiro:

- Gastei todo o combustível!

Eis a lamentável situação: encontravam-se sem gasolina, sem dinheiro, sem poder parar para dormir, pois implicaria em obstruir a pista (Acostamento? Nenhum, lógico). Além disso, nenhum posto à

vista (placas indicativas que pudessem trazer esperança, também não existiam).

Na boleia, um rosário de Maria e um santinho de Madre Theodora Voiron, que sua esposa colocara para protegê-lo no caminho, dando-lhe a certeza de que ela rezaria também, em casa. Não era religioso praticante, mas rezou, suplicante e ardentemente. E o Espírito soprou sobre ele:

...viu umas luzes fortes no alto de uma colina, enxergou o letreiro entre a cortina de chuva: GASOLINA SÃO PAULO. Embalou o caminhão, conseguiu vencer o aclive e encostou-se à bomba. Felicíssimo, desculpando seu imprudente ajudante, negociou com o gerente: deixaria como penhor da dívida, ou madeira, ou seu relógio ou um macaco hidráulico capaz de erguer vinte toneladas. O gerente não queria nada, mas acabou por aceitar o macaco hidráulico, o qual seria resgatado na próxima viagem. O gerente levou-o ao bar aberto àquelas horas (mais ou menos vinte e três horas) para um café de cortesia. Lá, o caminhoneiro reparou num quadro que retratava a Ponte Pênsil de São Vicente e comentou:

- Eu moro lá perto, mas essa ponte está pintada errada; ela sai da base dos montes e não do alto deles.

Todos riram da pintura, desanuviaram e se reconfortaram com o café. Prosseguiram viagem, enquanto seu pensamento se elevava em preces de agradecimentos a Deus. Chegando, contou a todos os familiares o ocorrido, em louvores e ações de graças.

A vida prosseguiu e na semana seguinte, novo carregamento, mesmo lugar, mesma estrada e a ideia de saldar o compromisso. Na ida, não conseguiu encontrar o posto e deixou para a volta. Vinha atento, lembrava-se muito bem do lugar. Reviu uma colina igual à anterior, subiu e... nada! Andou pelas imediações e perguntou pelo posto, a todos que encontrou. Única resposta: nunca houve posto de gasolina por essas bandas.

Inconformado, procurou depois, o inspetor de vendas da Gasolina São Paulo e, munidos do mapa da empresa, estudaram a região

inteira e descobriram que nunca houvera representante por aquelas plagas.

Mistério! Misericórdia? E o macaco hidráulico...?

DONA RAQUEL

Nós a conhecemos em Águas de Lindóia, SP, por intermédio dos primos Therezinha e Renato e juntos fomos à sua casa, para uma conversa, a partir de um encontro casual com a ex-missionária suíça. Da magnífica entrevista com ela, pelos idos de 1980, escrevi, posteriormente, uma crônica na qual conto as maravilhas de sua vida dura, junto a índios e caboclos de Mato Grosso. Tudo devidamente documentado pelas fotos expostas em sua sala. Encantadora amiga de Jesus Cristo!

A bicicleta alemã, com o carrinho de lado protegido por um guarda-sol de franjas, descia lentamente a ladeira, guiada por um rapaz de traços fisionômicos indígenas, brasilíndios. As rodas rangiam, premidas pelo breque e se balançavam, no atrito com os paralelepípedos. No carrinho, uma senhora de porte majestoso e, ao mesmo tempo, simples, atraiu as atenções dos turistas. Todos a fitavam, sentada tranquilamente na carruagem de duas rodas. Reparavam também nos frisos niquelados, reluzentes, ornando a pintura original e realçando o brilho dos faróis e para-lamas. As franjas ondulavam ao vento como bamboleantes melindrosas.

A curiosidade por tão bizarra presença despertou risos em alguns e, em outros, admiração. A dama saltou com jovialidade, assim que a bicicleta estacionou no balneário; bebeu água da fonte, sussurrou qualquer coisa ao rapaz e iniciou um passeio a pé pelos jardins da praça. Suas atitudes cheias de requinte eram acompanhadas pelos circunstantes a tentar uma apreciação da figura: estranha..., louca..., fina...?

Quem seria essa mulher? Diferente, apenas?

O mestiço encheu dois garrafões com a água pura e ajeitou-os no carrinho lateral. Abanou um adeus à patroa entretida em aspirar o perfume das flores e lentamente, foi pedalando e subindo a ladeira de

onde viera. A madame ficara entre a natureza e o infinito, mirando o espaço, de quando em quando, como se conversasse telepaticamente com as poucas e brancas nuvens. Meu olhar não se desviava dela, avaliando seu comportamento franciscano, louvando a vida num simples andar de lá para cá. Atravi-me a chegar perto e apresentei-me. Acolheu-me carinhosamente e eu, sem perceber, fui-me deixando cativar pela simpática personalidade de prosa fluente e calma. Ao final, convidou-me para um chá, no dia seguinte, explicando como chegar à sua residência.

- Moro lá no alto, disse, apontando a ladeira pela qual eu vira a bicicleta descer e subir.

Cheguei pontualmente, ansiosa por revê-la. O mestiço atendeu à campainha e, sorridente, abriu a porta da linda casa. Nas paredes, enfeites indígenas rústicos; a decoração compunha-se de móveis pesados, em madeira de lei, com almofadões revestidos de tecido claro. Várias peças de adorno, em cerâmica, na mesinha de centro; vários porta-retratos com estampas amarelcidas. Fiquei contemplando as fotos, impulsionada pelo temperamento curioso. Dona Raquel apareceu e saudou-me com afetuoso abraço, gesto fraterno que me infundiu paz. Começou a explicar-me fatos documentados pela máquina fotográfica:

- Ah! Essa é de um caminhão carregado de filtros que distribuimos às famílias residentes naqueles matos; nesta, o Crioulo e a Maria, casal tão bom... ela me ajudou a curar o câncer dele; sarou, sabe? Olhe esta, da Guilhermina, com uma doença triste, o fogo selvagem... deu trabalho, muito trabalho! Aqui? Índios famintos, sertanejos novos, com cara de velhos! Esta? Um grupo de crianças excepcionais. Veja: a mãezinha índia limpando o bumbum do nenê com areia... era o jeito... água? Só para beber e cozinhar e, assim mesmo, repare na poça barrenta que nos abastecia! Isto? É um monte de bernes que tirei de um pobrezinho apodrecendo em vida, no seu barraco; a companheira dele ficou satisfeita porque a galinha teria comida naquele dia... Este é o João, caboclo valente das matas, leproso curado, graças a Deus; ele teimou em ser fotografado comigo, imagine!

Minha voz continuou presa do espanto com a grandiosidade da narrativa da missionária.

- Senhora, posso pôr as tartarugas para dormir?

- Pode, Arauê!

O serviçal virou-se em direção ao quintal e escapou da visão. Dona Raquel prosseguiu no manuseio e explicação das lembranças fotográficas:

- Esta é de um indiozinho que apareceu em nossa enfermaria, ardendo em febre: era mais fome que outra coisa. Preste atenção na magreza dessas duas gêmeas: nunca haviam provado leite na vidinha delas; não conseguiram se aprumar, morreram no mesmo dia... chorei tanto!

Minha consciência agitou-se, incomodando-me com pensamentos sobre a inutilidade de minha vida, se comparada à existência da estrangeira, consumida na ajuda a brasilíndios esquecidos nos sertões de Mato-Grosso. Não sei se demonstrei minha perturbação, mas Dona Raquel interrompeu o discurso e conduziu-me à mesa para a prometida xícara de chá, com direito a bolinhos fritos passados em farofa de açúcar e canela.

Arauê, de volta da tarefa de recolher as tartarugas, ocupou-se em desocupar a mesa, de onde nos levantamos, já recompostas pelo delicioso chá de ervas. Dona Raquel movimentava-se com elegância, predicado que eu não acreditava uma missionária possuir... E aquela casa? Qual a renda? De onde provinha?

Tudo isso eu pensava com medo de emitir qualquer sinal de indelicadeza que pudesse ofender minha anfitriã. Comecei a expressar a admiração despertada pelo relato de seus feitos, conversa que ela desviou e recomeçou a falar, justamente sobre minhas dúvidas, como se as tivesse captado. Era a única filha e herdeira de família suíça abastada; vivia bem, sem preocupações monetárias. Possuía dois veículos antigos: a bicicleta alemã que prestara serviços na guerra e um velho Packard que a acompanhara pelas trilhas de Mato Grosso por trinta anos.

- Sabe que esse carro já andou até sem gasolina?

Foi demais para minha humilde compreensão e ousei diagnosticar loucura galopante daquela anciã, apesar das inúmeras provas pelos cantos e recantos da sala. A curiosidade, porém, levou-me à escuta da história:

- Uma vez, - era madrugada -, chegou uma família carregando um curumim febril, com diarreia e febre. Eu não podia fazer nada por ele, na enfermaria, num estado tão grave; precisaria levá-lo ao hospital, distante 180 quilômetros. O carro, sem combustível. A gasolina chegaria dali a dois dias. A índia mãe, se lamentando histericamente, os outros meninos assustados e agarrados num abraço patético; o pai, gritando palavras ininteligíveis no seu dialeto, brandindo contra a cabeça, um pau de árvore! Sabe o que fiz? Mandei que entrassem no Packard, abri o capô e falei ao motor, com autoridade: - você vai funcionar direitinho; isso eu te ordeno em nome de Jesus-. Voltei ao volante, dei a partida e fomos, mato a dentro, sob a aurora maravilhosa, a caminho do hospital, controlando o ronrom da máquina. Depois de algum tempo, estendi a mão e agradei o doentinho, reparando que sua alma já estava longe. Tive medo da reação da turma. O que fariam diante do impacto? Apelei de novo a Jesus, pedindo:

- Que não descubram ainda, meu Senhor -... e só foram descobrir ao chegarmos, com o sol esquentando, a tristeza acontecida no trajeto. De qualquer maneira, abracei o motor! Merecia, não?

Os gritos das araras, provenientes do viveiro do quintal, talvez se ajeitando para dormir, avisaram-me do adiantado da hora. Despedi-me, sinceramente agradecida pela tarde sensacional, pela partilha de suas experiências de vida, pelo chá bem servido. Ela sorriu, frisando as rugas sulcadas pela idade e pela exposição demasiada ao sol. Meu diagnóstico se concluía: era uma mulher diferente, especial, de uma loucura compreensível, loucura de amor pelos menores desse planeta.

Dirigi-me à porta onde Arauê aguardava, para abri-la. Ainda olhava para Dona Raquel, enquanto caminhava. Ela gritou, alertando:

- Cuidado com o jacaré!

Tarde demais... Tropecei no bichão empalhado servindo de tapete e me estatelei ao chão. Que saída cinematográfica! Ora, eu estava tão perturbada!

MINHA MÃE MORREU

Oito horas da manhã, dentro de um apartamento de hotel, distante daqui. Tocou o telefone. Era um de meus filhos, que é médico.

- Pai, não se assuste, mas vovó teve um enfarte. Assim que puder, volte, mas sem pressa porque ela já está hospitalizada e sendo muito bem cuidada.

Voando por sobre um asfalto bastante danificado pelas chuvas, aqui cheguei por volta do meio-dia. Fui direto à sua casa, onde confirmei o fato. Pouco depois, estava no hospital. Ela estava na unidade de observação, aguardando vaga na UTI. De qualquer forma, estava ligada a vários aparelhos, cujos fios e tubulações impediam-me de abraçá-la, mas não, os carinhos e beijos.

- Esta não é a nossa casa, -disse de forma afirmativa.

- É um hospital, respondi, acrescentando que logo ela sairia de lá. À tarde, ela melhorou um pouco e nós, filhos, resolvemos que um passaria a noite no hospital. Ainda tínhamos remotas esperanças de recuperação. Nas primeiras horas da noite, enquanto aguardava a chegada de meu irmão, sentei-me ao lado do leito, segurando sua frágil mão, enquanto tentava com ela conversar. Pediu água várias vezes e começou a queixar-se de dores nas costas quando respirava, ainda que através do aparelho próprio. Preocupava-se, também, com a colocação ordeira do cobertor na cama. Repentinamente, começou a orar em voz alta. Era uma oração dedicada à Nossa Senhora Aparecida, por ela repetida cerca de vinte vezes, em duas das quais, exigiu minha participação. Sua respiração estava se tornando mais difícil. Por volta das vinte e duas horas, chegou meu irmão. Fiquei mais um pouco e ao sair, dela despedi-me com um até amanhã, acompanhado de um beijo. Na porta do hospital, alguma coisa me fez voltar. Debrucei-me sobre ela e mesmo entre os fios e tubulações, nos beijamos. Foi a última vez que conversei com ela. Já em casa, acabara de deitar-me quando o telefone tocou. Era outra vez, meu filho, avisando:

- Vovó piorou, convém vir até aqui.

Era uma hora da madrugada. Avisei meus irmãos e, em poucos instantes, cheguei ao hospital. Mamãe lutava para continuar vivendo, como se estivesse esperando algo acontecer. Pedimos o comparecimento do Padre João Baptista Zecchin para ministrar o sacramento da Unção dos Enfermos. Ele chegou pouco antes das duas horas. Todos os filhos com suas esposas rodearam a cama. O padre começou a ministrar o sacramento. A respiração de mamãe tornava-se mais difícil e mais espaçada, mas estava tranquila, em paz. Ao final, de mãos dadas, inclusive as dela, rezamos o pai-nosso, após o que, o Padre começou a dar a bênção final. Fez o sinal da cruz e no último movimento da mão, mamãe parou de respirar. De forma quase perceptível, manifestada por doce arrepio e uma sensação de termos sido tocados, um anjo desceu dos céus, apanhou a alma de mamãe nos braços e carinhosamente, levou-a embora. Tenho certeza que, ao ser levada, ela fez questão de tocar em cada um de nós, num último adeus.

Assim morreu mamãe.

José Amicis Vasconcelos Diniz

Marta, neta de Maria Augusta, visitou-a de madrugada. Ouviu-a recitando a ladainha, repetidamente. Em dado momento, ela falou, excitada: - Chame Ulisses para ver quantas luzes e cores! Luzes intensas! Que maravilha!

A VAGA

As duas amigas eram responsáveis pelo orfanato. Com as horas de dedicação às crianças, horas subtraídas aos afazeres do lar, desincumbiam-se do apostolado com a maior boa vontade. A burocracia, porém, em vista das verbas governamentais, era especialmente trabalhosa e elas terminaram o serviço naquele fim de semestre, com o prazo quase esgotado para a entrega dos papéis oficiais. Requisitaram o motorista, imediatamente, para que as levasse ao local de entrega. Recomendaram presteza e ligeireza na direção do veículo, sob pena de perderem a ajuda, pelos dez minutos restantes para o fechamento da repartição competente. O rapaz foi avisando que lá era difícil achar lugar para estacionar... e elas rezaram, em forma de confiança e uma delas se expressou:

- Deus vai dar uma vaga para nós!

Ao que o motorista brincou, cético:

- Ué, Ele faz isso, também?

- Faz! , respondeu ela, na fé.

Recolhidas na mesma tensão, na mesma torcida, permaneceram as duas cristãs. Bastou o veículo virar a esquina e se aproximar, eis alguém saindo e nos dando, não só a vaga, mas também o agrado sensível de nosso Deus!

ORAÇÃO GRATUITA

Faminta, pois não almoçara, deixou o filho pequeno no quarto do hospital, aos cuidados do marido e foi à lanchonete. Seu menino aguardava para submeter-se à cirurgia do apêndice. Tudo correria bem, tinha certeza. Então, fora comer alguma coisa. Havia muita gente, enfermeiros, médicos, parentes dos pacientes. E ela, também, olhando toda aquela turma saudável que cuidava dos doentes. Chamou-lhe a atenção uma jovem deficiente física, cuja aparência destoava no ambiente. E ela, sensível, quase que instintivamente, intercedeu pela desconhecida, num colóquio de amizade com Deus. Na oração, implorou que Deus estivesse sempre voltado para aquela moça, que abençoasse seu corpo, suas mãos, para que em tudo que ela tocasse, houvesse sinais da intervenção divina, que ela fosse competente na profissão que escolhesse... enfim, falou dela ao Pai, com gratuito dom de amor.

Junto com a degustação de seu lanche, encerrou a oração, de vez em quando olhando para a moça.

Voltou ao quarto e seu filho já havia sido levado para a sala. A expectativa silenciou o coração do casal até a vinda do garoto já operado, semiconsciente. As enfermeiras puseram-no na cama e logo depois apareceu a moça deficiente física, agora em uniforme azul, que os cumprimentou, identificando-se:

- Sou a anestesista, tudo transcorreu maravilhosamente bem!

A mãe rezadora sorriu feliz, com a alma em festa!

SANTANA

Um carro novinho em folha! Maravilha! Havia saído da concessionária, já vistoriado, segurado e, em sua garagem, o casal se encantava com a aquisição e o admirava. Comprar um carro zero sempre é motivo de grande satisfação, mesmo porque tinha sido com esforço e economia severa, em detrimento de outros programas e diversões da família. E o Santana era deles! Também haviam adquirido adesivos com o rosário rodeando a figura de Nossa Senhora e começaram a escolher o lugar para colocá-lo; na frente, do lado, atrás? O carro estava tão nobre, tão reluzente, ostentaria bem como um sacrário para a figura tão singela e estilizada da Santa Virgem, devoção entranhada na espiritualidade do casal.

- Santa Ana é a avó de Jesus! É carro de nome abençoado!- comentavam com alegria.

Optaram, enfim, por colocar o adesivo na porta do carona, um pouco para trás e abaixo do espelho retrovisor. O visual ficou ótimo. Bem, para completar a dedicação, outro terço foi colado atrás, acima da chapa. Pronto!

Tudo pronto para a estreia. A primeira viagem.

Noventa quilômetros depois, chegando ao destino, resolveram ir almoçar no restaurante estabelecido numa pracinha triangular em um plano inclinado. Única vaga disponível.

Almoço inaugural. Agradável refeição.

Saíram. E a surpresa veio.

Em volta do carro novo, três homens com uniformes da firma de carro transportador de numerário, armados, tomando conta do carro-forte quase encostado na Santana. Ao verem os proprietários, eles começaram a rir. Um deles disse:

- O Senhor tem muita sorte! Na curvinha, perdi o controle desse baita carro-forte que, por pouco, não macetou seu veículo. A

barra de direção sofreu um defeito qualquer e o breque também falhou. Nunca me aconteceu isso.

Colocando o dedo bem em cima da figura do ícone do rosário colado, continuou:

- Iríamos bater bem nesse local, na coluna da porta. Ia ser um estrago daqueles. Consegui desviar no último segundo, não entendo como; só por milagre mesmo. Tem seguro?

Ainda assustado com o inesperado, respondeu:

- Temos sim, dois. Um na Seguradora; outro, na imagem de Maria, a quem consagramos o carro. O adesivo não podia ser amassado, não acha?

FESTA INIGUALÁVEL

Ninguém para tomar conta do patrimônio do casal que iniciava uma longa viagem ao exterior. Não conseguiram guarda de sua confiança para executar a vigilância e, assim, viam-se diante do problema atual de tanta roubalheira, em tempos como os nossos. Embora temerosos, não desistiram da viagem, sonho acalentado por muitos anos.

Contritos ante a imagem do Coração de Jesus, pediram as bênçãos para a jornada e entregaram a casa e seus pertences à guarda dos anjos, solicitando que eles acampassem nos seus jardins. E partiram. Demoraram-se nos passeios pelo mundo, curtindo a terceira idade, saboreando os frutos de um longo trabalho, aproveitando a disposição de ânimo. Um dia, regressaram. Encontraram tudo em ordem, com a poeira ocupando todos os vãos da casa intocada durante meses. Os vizinhos próximos contaram que ladrões haviam andado pelas redondezas na semana anterior e logrado penetrar numa das casas. Logo, porém, a polícia os pegou e perguntou por quê não entraram na sua casa, visivelmente sem moradores. Eles responderam que queriam, mas na noite do serviço, havia uma festa animada, a casa toda iluminada e eles optaram pela outra. Imagine só, que ladrões malucos! Não sei onde inventaram essa de casa iluminada, em festa, se estava tudo fechado!

PERIGO

A revista largada sobre a mesinha de centro chamou-lhe a atenção e abriu-a a esmo. Era O Mensageiro de Santo Antônio e apresentava a narrativa de um dos milagres realizados pelo santo, em vida. Impressionou-a a última frase: “a solução é não olhar o animal bravo nos olhos”. Não lembra o texto completo ou da história. Lembra, isso sim, do que lhe aconteceu dias depois.

Andava por uma calçada e um casal com um cachorro na coleira, passou por ela. Distanciaram-se e, não sabe o porquê, o cachorro teve um acesso de fúria, anunciando-se com um assustador rosnado, fixando os olhos em direção a ela. Um medo intenso, que a fez tremer totalmente, apossou-se dela.

Num segundo, chamou por Nossa Senhora Aparecida e a frase despontou na memória como um conselho: não olhar o animal bravo nos olhos...

Creu na inspiração como socorro do céu, dominou-se e desviou a vista para o lado. O cão titubeou e, ainda raivoso, foi resgatado pelos donos, aos gritos.

Ela continuou a caminhar, agitada pelo acontecimento, mas sem entender o que houvera, realmente.

Ia agradecendo a graça a Maria.

O SENHOR NOS OUVE

Isto me aconteceu: uma de minhas filhas havia ido para o Iraque, acompanhando o marido que ia a serviço. Com eles foram dois filhinhos, de 1 e de 2 anos. Depois de algum tempo, estourou a guerra do Golfo e eles foram impedidos de voltar, assim como outros brasileiros.

Nós ficamos muito aflitos; rezávamos bastante e muita gente amiga e conhecida, principalmente daqui de São José dos Campos, entrou em comunhão conosco, implorando que tudo saísse bem e que ninguém fosse molestado.

Um dia, uma amiga ligou-me de São Paulo para saber notícias. Como não houvesse nada de novo, ela me confortou e, naquele instante, disse que ia, através de uma oração ao Espírito Santo, abrir a Bíblia para me transmitir uma mensagem do Senhor.

Abriu em Jeremias 31, 16 e 17:

Eis o que diz o Senhor: cessa de gemer, enxuga tuas lágrimas! Tuas penas terão a recompensa - oráculo do Senhor - voltarão (teus filhos) da terra inimiga. Desponta em teu futuro a esperança - oráculo do Senhor -. Teus filhos voltarão à sua terra.

No final da mensagem, eu chorava no meu canto e ela, do outro lado da linha, emocionadas com o sublime recado, tão claro e direto. Depois, enxuguei as lágrimas e esperei. Dias depois, minha filha e as duas crianças puderam partir de Bagdá e um mês depois, meu genro chegou.

É preciso que permaneçamos ligados a Deus. Ele nos fala através de sua palavra ou de outro instrumento qualquer.

Louvado seja Ele!

ANJO GUARDIÃO

Um assalto na agência do Banco do Brasil, numa cidade do interior de Goiás! Audácia da quadrilha de bandidos que levou a família de um dos gerentes como refém, enquanto o conduziam ao local de trabalho com as chaves do cofre menor. Frustrados, ameaçaram matar os filhos e a esposa dele, em poder dos meliantes, mas embora furiosos, carregaram o que havia no cofre. Pouco dinheiro, relativamente ao que esperavam. Muitas horas depois, abandonaram a família numa erma estrada de terra. Foram encontrados e resgatados sãos e salvos fisicamente, mas muito abalados emocionalmente. A experiente polícia local, numa caçada espetacular, no mesmo dia, localizou uma boa parte do bando que logo dedurou os companheiros. Todos foram presos.

No Departamento Policial, o delegado os enfrentou:

- Vocês são burros mesmo, hein? Por que não sequestraram o gerente geral que tem a chave de todas as portas e de todos os cofres?

- Ô seu doutor, nós queríamos pegar o Getúlio, mas a casa dele tinha um policial fardado, de guarda, armado, andando de lá pra cá...

- Nada me consta de vigilante em casa dele, vocês estão inventando! Burros! Pra jaula!

Inquirido Getúlio, esse negou peremptoriamente ter contratado alguém para vigiar sua casa. Naquela noite, eles dormiam placidamente.

Nota da autora: Getúlio é Ministro da Eucaristia, dedicado católico com diversas frentes de trabalho apostólico.

A LUTA FOI GRANDE

Conheci a mãe de Fabiana de Carvalho numa piscina quente em Caldas Novas GO. A descontração nos levou a conversar bastante e nos darmos a conhecer, principalmente no tocante à espiritualidade.

Na manhã seguinte, terminada a estadia no Hotel, ao nos despedirmos, ela me presenteou com um CD, dizendo:

- Assista-o em sua casa, com calma. Veja a graça que minha filha recebeu.

Pertencemos a Igrejas distintas. Ela se ocupa do apostolado dos Gideões Internacionais, que distribuem Bíblias em diversos locais públicos. Distribuem e também meditam diariamente a Palavra.

Pelo CD assisti ao emocionante depoimento da jovem senhora de seus 25 anos, juntamente com marido e 3 filhinhos, em ação de gratidão ao Deus misericordioso e aos irmãos de sua Igreja, intercessores súplices pela saúde comprometida por um tumor de 4 cm no cérebro, logo atrás do ouvido esquerdo de Fabiana.

O único tratamento possível era o cirúrgico com prognósticos de altos riscos: perderia 100% da audição, sofreria sequelas de paralisia facial, restaria uma pequena parte no local, pois não poderiam extraí-lo totalmente. Esse material poderia se desenvolver de novo e naturalmente, risco de óbito.

Entre as dores da cabeça pressionada, ela procurou ler os Salmos e o de número 20 (19) a consolou muito. Todo ele é composto por promessas de cura e consolação. Ela leu e releu diversas vezes. Já a assembleia de seus irmãos de doutrina se punha em alerta e intensificava os colóquios com Deus.

Nos dias dos exames preliminares, os sintomas desapareceram e ela pôde se levantar da cama, arrumar a casa, dormir a noite inteira, nada de dores na cabeça ou no pescoço, nada de tonturas.

Animou-se e, chegando o dia da cirurgia, chegou ao hospital, tranquila, com confiança total no êxito médico.

Ao todo, 14 horas de anestesia, contando o período pós-cirúrgico. Acordou perto dos familiares em tensão enorme. Pediu que o pastor subisse ao quarto para vê-la. Recebeu-o com caretas e expressões faciais variadas, demonstrando que não havia nenhuma lesão nos músculos da face. Fazia biquinho, esticava a boca, punha a língua para fora, mexia os olhos, seguia o dedo com o olhar, para a esquerda e a direita, enfim, brincadeira feliz para todos.

Então, cantou hinos de louvor e Hosana; cantou baixinho, mas sua audição remexida lhe parecia soar tão alto que estaria atingindo todos os cômodos do prédio. Sentiu a presença do Senhor a acompanhando no quarto e lhe recomendando descanso enquanto Ele trabalharia.

As dores foram incrivelmente fortes durante o período noturno.

Na manhã seguinte, na troca de turno da enfermagem, a que assumiu o posto verificou que o soro que continha os medicamentos não estava passando à paciente devido ao fechamento. Imaginando que Fabiana não estivesse ouvindo, comentou com a companheira:

- Nossa, não sei como a moça não morreu sem o medicamento!

Apesar da negligência humana, o Senhor a reconstituía.
Chegou o dia da alta hospitalar.

NOVA BATALHA

Passou por horas felizes em casa enquanto a Igreja já festejava a vitória da graça no culto, mas Fabiana começou a apresentar sinais evidentes de piora que culminou na volta ao hospital, onde diagnosticaram meningite através do exame do liquor.

Avisados, das orações de louvor os intercessores passaram às novas súplicas a fim de que Deus completasse sua obra de restauração da vida de Fabiana, orando ininterruptamente, quatro dos quais, quie-

tinhas, na antessala do quarto, enquanto ela era submetida à tomografia, quase entrando em convulsões.

Voltou e mal ouvia as preces, mas já sentindo a febre diminuir, diminuir, até desaparecer junto com os vômitos e demais sintomas. Ao mais leve alívio, Fabiana cantarolava os hinos eclesiais.

Abriu os olhos, notou muita diferença física no quarto; mais claro, mais agradável o cheiro, tudo melhor. Pensou até que a houvessem trocado de quarto. Soube depois que as intercessoras haviam retirado um determinado objeto que a sensibilidade delas denunciava como consagrado ao mal. Fabiana acreditou. Cantou o quanto lhe permitia a fraqueza. A partir desse momento, a cura foi se consolidando.

Foi se cumprindo o Salmo 20.

Ela termina o filme do testemunho, sorrindo e posando com as crianças, o marido Eduardo e a família mais chegada, com as palavras:

- Aqui estou, pronta para fazer o que Deus quiser, até o fim de minha vida.

Tinha a Bíblia nas mãos.

COMO O SENHOR É BOM

Num acidente automobilístico, meu marido sofreu vários e graves traumatismos. Tendo sido operado, foi-lhe retirado o baço. Nos quatro primeiros dias parecia que tudo corria bem, porém, o seu estado se agravou: houve complicações pulmonares. No total, já estávamos com ele hospitalizado há 15 dias.

Neste período, apoiada por nossos cinco filhos, muito ansiosa e aflita, eu lutava desesperadamente junto a médicos, enfermeiros e diretoria, buscando meios para obter a cura de meu marido, achando que a sua recuperação dependia de meu esforço, de meus cuidados, de minha permanência, o tempo todo, ao lado dele. Na noite de 15 de dezembro, data em que completávamos vinte anos de casamento, numa tentativa de drenar-lhe um abscesso em um dos pulmões, um jovem e inexperiente médico rompeu-lhe uma artéria intercostal, provocando intensa hemorragia abdominal. Foi levado para a sala de cirurgia onde teve quatro paradas cardíacas, sendo reanimado pelo cardiologista e sua equipe, num esforço sobre-humano.

Uma senhora do quarto em frente, vendo todo nosso drama, veio até nós e pôs um rosário na mão de uma de nossas filhas e disse:

- Reze!

Entregou-me um pequeno crucifixo num pedestal, que colocamos sobre a mesinha. Ali, meus filhos adolescentes e eu, rezamos ao Pai, pela vida daquele pai amigo e dedicado à família.

Horas depois, já de madrugada, o médico-cirurgião veio nos dar notícias:

- Fizemos tudo o que pudemos, porém, o estado dele é desanimador. Não há mais o que fazer! Acho melhor a senhora ir com seus filhos para casa; não adianta ficarem aqui.

Ajuntamos nossos pertences e pedi à enfermeira que devolvesse à senhora do quarto vizinho, o crucifixo e o rosário, ao amanhecer. Voltamos com a certeza de que meu marido não sobreviveria. Eu, angustiada, não podendo estar mais junto dele!

Um novo dia... e a surpresa: a médica que o assistira no primeiro momento da internação veio nos buscar, comunicando que ele estava reagindo, saíra do coma e dava sinais de vida; fora levado ao quarto munido de um esquema de assistência contínua (o hospital não dispunha de Unidade de Tratamento Intensivo).

No quarto o encontramos, como Cristo na Cruz, despojado de tudo, somente acompanhado do jovem e inexperiente médico que fizera a drenagem mal-sucedida na noite anterior, agora encarregado de monitorar todos aqueles aparelhos ligados ao querido paciente... e ali, sobre a mesinha, estavam o crucifixo e o rosário, pois a enfermeira não efetuara a devolução à dona, conforme recomendado.

Quando tomei a mão de meu marido, ele pressionou levemente a minha e eu senti Jesus me dizendo, daquele pequeno objeto sagrado:

- Não tenha medo, EU estou aqui; EU tudo posso!
Tive a certeza que meu marido sobreviveria.

Realmente, ele se recuperou, depois do sofrimento de mais oito cirurgias. Levou vida normal por mais 14 anos: viu nossos filhos se formarem, se casarem, seus netos nascerem.

Temos a certeza de que agora ele vive mais intensamente, liberto de todas as limitações e dificuldades, pois numa ocasião futura, voltou à casa do Pai!

TESTEMUNHO DE SOLANGE

Meu pai ficou 36 dias na UTI por uma embolia pulmonar. Estava em coma induzido, com falência múltipla dos órgãos. Coração, pulmão, e sistema gastrointestinal haviam parado de funcionar e dependiam de medicação e aparelhos. Ele precisava reagir aos medicamentos e sair de uma infecção generalizada.

Os médicos não davam muita esperança. Diziam que dependia dele e que tudo que podiam fazer estavam fazendo. Caso não melhorasse, começaríamos a perdê-lo.

Colocamos nas mãos de Deus e de Santa Paulina e intensificamos as orações, certos de que só Deus pode tudo.

Queríamos que Deus mantivesse vivo nosso querido e alegre pai, nosso querido e divertido vovô, e o querido, tão carinhoso e amoroso esposo da minha mãe.

Sabíamos que seria precoce sua ida para Deus nesse momento. Precisávamos e queríamos ele aqui, nesse mundo, pois já havia feito e fazia tanto bem às pessoas que conhecia.

Felizmente recebemos de Deus o grande presente de mantê-lo vivo. Começou a reagir e surgiu o medo de sequelas, principalmente neurológicas. Poderia deixar de falar, esquecer das pessoas. Mas nada disso aconteceu. Ficou muito bem e após seis dias que havia vindo para o quarto, passei a noite com ele e ganhei um grande presente de Deus. Um testemunho maravilhoso do meu pai, tão amado.

Esse testemunho nos dá a certeza de que não precisamos ter medo da morte. Se estivermos procurando vencer nossos erros e buscando sempre fazer o bem, como meu pai procurou e ainda hoje, graças a Deus, procura, estaremos em paz e essa passagem para a vida eterna parece ser cheia de luz e de paz.

Ele me disse o seguinte:

- Ah como eu queria voltar naquele lugar onde eu estava...

- Mas pai, o senhor estava na UTI!

Ele respondeu:

- Lá era tão bom! Quando eu estava lá, tinha um homem moreno que estava fazendo um desenho tão lindo... Era a representação de um pingo de água caindo num caixão. Parecia um torpedo, uma bomba e conforme o pingo caía iluminava com uma luz fluorescente. O primeiro pingo iluminava cinquenta por cento e cem por cento o segundo pingo. Era maravilhoso e o moreno falava coisas lindas com uma voz tão suave...

Questionei sobre o que ele falava e ele respondeu:

- Falava sobre os domínios de Deus. Uma hora o moreno disse que eu não podia pensar em ficar ali. Mas eu respondi que ele estava fazendo uma coisa tão linda, tão maravilhosa! E o moreno respondeu: mas não pode... e mudava de assunto. Cada pingo que caía era um pensamento sobre Deus...

Nessa hora eu estava arrepiada e muito emocionada, peguei um papel e comecei a escrever exatamente o que meu pai havia falado. Ele, percebendo que eu estava escrevendo perguntou:

- O que você está escrevendo?

Respondi que era o que ele havia me contado para poder dizer aos meus irmãos e a minha mãe. Ele me falou:

- Não precisa escrever, eu levo você lá!

Quem me dera! Poder estar na presença dessa luz, dessa paz maravilhosa, que o fez desejar voltar para lá.

Após ele dormir, chorei de alegria e agradei muito a Deus pela sua vida e por tudo que havia me dito. Fiquei muito feliz em saber que, mesmo durante todo o nosso sofrimento, vendo-o na UTI, em coma, cheio de tubos e aparelhos, parecendo que estava sofrendo muito; na verdade ele não sofria, mas nós sim; ele estava sendo confortado nas mãos de Deus.

Essa vida é passageira e Deus nos aguarda assim que perdermos esse corpo. Por isso devemos sempre procurar fazer o bem e vencer nossos desafios de pecadores.

NOVO TESTEMUNHO

Ela era do interior onde morava com a família e tinha inúmeros amigos e conhecidos.

Casou e foi morar em São Paulo, onde não conhecia ninguém. A grande cidade a assustava. O marido trabalhava fora o dia inteiro e eles moravam numa cidade difícil de se fazer amizades. Ela se sentia infeliz e solitária. Acabou entrando em depressão. Um dia, numa visita à sua cidade, encontrou uma amiga com quem desabafou.

Então, essa amiga deu-lhe este conselho:

- Quando você se sentir muito só, coloque uma mesa para um café com 2 xícaras, uma para você e outra à sua frente, para Nossa Senhora. Agradeça a visita dela, conte como está feliz em recebê-la e alivie seu coração contando todos os seus problemas. Ela vai ouvir e você vai se sentir melhor...

Embora tivesse muita fé em Deus, não tinha uma devoção especial a Maria. No entanto, mesmo com relutância, seguiu o conselho da amiga e fez isso durante muito tempo. E assim passaram-se dias e dias e ela, devagar, foi melhorando. Anos mais tarde ela teve um câncer. Inúmeras pessoas oravam por sua cura e particularmente uma vizinha, com seu Grupo de Oração. Um dia, essa vizinha a convidou para assistir uma reunião do Grupo, e ela achou que devia ir para lhes agradecer.

Nessa reunião, depois das orações, a dona da casa ofereceu um lanche, um café com o que tinha de mais fino e bonito. Ela olhou para a xícara de porcelana chinesa, muito preocupada com medo de um acidente com a tal xícara, quando uma voz suave e doce sussurrou em seu ouvido:

“HOJE QUEM TE SERVE O CAFÉ SOU EU”!

Assustada, não acreditou no que ouviu, quando a voz repetiu:

“HOJE QUEM TE SERVE O CAFÉ SOU EU”!

Emocionada, não contou ali o que ouvira, pois iriam pensar que era louca. Só muito, mas muito tempo depois, ela contou para o Grupo.

Ela queria demais reencontrar a amiga que lhe dera o bendito conselho. Um dia, eis que as duas se encontram casualmente na rua e ela, feliz, relembra o dia em que a amiga a aconselhara a servir o café a Nossa Senhora e o que lhe acontecera naquela reunião de Oração.

A amiga, atônita, olhos arregalados, lhe pergunta:

- Tem certeza que fui eu quem lhe deu tal conselho?

Ante a resposta afirmativa, ela acrescentou:

- Nossa, eu não me lembro nada disso.

Pois é, o Espírito Santo coloca palavras em nossa boca quando necessário, sem que precisemos nos lembrar delas depois...

UM ANJO FALOU COM ELA?

Ela é uma das melhores pessoas que conheço. Foi boa professora, é mãe e esposa dedicada, amiga sincera e prestativa. É uma mulher de grande fé. Sempre trabalhou para ajudar os pobres, a Igreja e os doentes... Tem uma qualidade incrível: nunca fala mal de ninguém. Tem sempre uma palavra boa para justificar as pessoas...

Porém, como todos nós, teve e tem problemas, alguns bem grandes, por sinal. Embora seu coração seja bom e generoso, algumas vezes se desesperou...

Num desses dias, muito aflita e desesperada, sem saber que fazer diante de um de seus grandes problemas, procurou Aquele em quem confiava, indo à Igreja.

Ajoelhou-se diante do Sacrário e debulhada em lágrimas, em alta voz pedia socorro a Jesus...

Repentinamente, sentiu que alguém tocou seu ombro e virou-se para ver quem foi. Era um rapaz que ela nunca vira e jamais viu depois. Pegando em sua mão, ele lhe disse:

- Venha comigo.

Foi com ela até o altar-mor onde sempre havia uma Bíblia, abriu numa página a esmo e disse-lhe, mostrando um versículo:

- LEIA!

Ela leu a resposta que precisava, muito emocionada. A solução lhe havia sido revelada.

Virou-se para agradecer ao rapaz, mas ele havia sumido...

Nossa igreja é grande e clara; as portas laterais se encontravam fechadas, ele só poderia ter saído pela porta principal, mas ela o veria saindo! Até hoje tudo leva a crer que Deus mandou um anjo para falar com ela...

O TERÇO PERDIDO

A época, década de 50, na Colônia de Férias do SESC na Praia da Enseada, Bertioga, litoral de São Paulo. A personagem, uma mulher com pouco mais de 50 anos, que lá se encontrava em companhia do marido e de seus filhos, por um período de quatorze dias.

Católica fervorosa, pois nascida e criada em família religiosa, mesmo depois de casada e com quatro filhos, sem descuidar de seus deveres de esposa e mãe, tinha por hábito fazer orações diárias, dentre as quais o “terço”.

Na Colônia, onde anualmente frequentava, fazia-o às manhãs, caminhando pela faixa da praia que era banhada pelas últimas e já agonizantes ondas, que ali preguiçosamente, vinham se espalhar até que desapareciam na areia.

Apenas caminhava por essa faixa, com a água do mar atingindo somente até pouco abaixo de seus joelhos, pois não gostava de adentrar mais longe, onde alguma onda mais forte poderia causar-lhe algum mal.

Alguns dias depois de sua chegada, após ter enfrentado a fila do café no refeitório da Colônia como de hábito e acompanhada pelo marido, dirigiu-se à praia e começou a caminhada diária, segurando o terço numa das mãos.

Não era um terço qualquer, mas “aquele” que para ela era uma verdadeira relíquia, que ganhara há muitos anos, não me recordo de quem, e do qual não se separava.

Rezando, caminhava serenamente pelo rasiño, quando uma onda mais forte a fez perder o equilíbrio e, num gesto de defesa, procurou apoiar-se no marido, quando o terço escapou de suas mãos, caiu e foi engolido pelas águas e simplesmente desapareceu.

De imediato, ela e o marido, de uma forma desesperada até, procuraram o objeto para recuperá-lo, mas foi em vão porque novas ondas vieram esparramar as espumas pela areia, tornando infrutíferos

os esforços de ambos para localizar o tão valioso instrumento da fé cristã.

Triste pela perda, ela só teve forças para pedir a Deus que, se fosse Sua vontade, que alguém encontrasse o terço e lhe devolvesse.

O pedido era difícil de ser atendido, pelas naturais circunstâncias e, se encontrado, poder-se-ia afirmar que um milagre teria ocorrido.

Nos dois ou três dias que se seguiram, ela continuou a fazer a caminhada, percorrendo sempre o mesmo trajeto, com a esperança de reencontrá-lo, mas sem sucesso.

Já conformada com a lastimável perda, a dois dias da data de final de férias, na costumeira caminhada, rezava com outro terço que por precaução levava. As ondas iam e vinham, refrescando seus pés quando, de repente, sentiu que alguma coisa, parecendo de início a ser uma alga, enroscou-se numa das pernas.

Assustada, levantou a perna e, com intensa surpresa, viu nela enroscado, o seu terço, aquele mesmo que lhe caíra das mãos e se perdera dias antes naquele trecho da praia!

Pegou-o e, de braços abertos em direção ao céu, agradeceu a Deus, convicta de ter sido por Ele atendida. Teria sido uma simples coincidência natural ou providência divina?

São fatos como esse que indicam porque essa mulher chamava-se Maria “Augusta”, minha mãe!

JAVD

O CIGARRO

Quando comecei a fumar já era adulta, casada e com filhos pequenos. No princípio, era só um cigarro por dia e fumado às escondidas de todos... Muito tempo depois, o consumo diário foi aumentando e eu não mais escondia que fumava.

Com o passar dos anos achei que estava na hora de parar. Tentei inúmeras vezes, fazendo malabarismos, usando truques diversos, tudo sem sucesso. Era frustrante para mim!

Mas... um dia, por problemas de saúde, era-me obrigatório deixar de fumar.

Sozinha jamais conseguiria, já tivera provas disso; precisava da ajuda de alguém especial e em quem eu confiasse.

Em casa, fechei a porta do meu quarto, ajoelhei e tive uma conversa íntima e atrevida até, com meu Deus. Foi mais ou menos assim:

- Meu Deus, o Senhor sabe que sou pó, eu quero e preciso de Sua ajuda. Não quero mais fumar, portanto, peço em nome de Teu Filho Jesus, que me afaste desse vício, mas com Sua misericórdia, porque não quero ficar como muitos ex-fumantes: depressivos, agressivos ou substituindo o cigarro por comida e guloseimas, e que se desesperam quando perto de alguém fumando, querendo fumar também. Quero ficar “limpa”, como se nunca tivesse fumado. Vou fazer um trato com o Senhor: largo o cigarro e todas as vezes que tiver vontade de fumar vou gritar, chamar por Jesus. Olhe, vou fazer a minha parte, mas espero que o Senhor faça a Sua.

*

Não fumei mais e quando o desejo crescia eu clamava por Jesus.

*

Nós tínhamos uma amiga vizinha e muita querida que estava numa UTI de hospital e eu oferecia o sacrifício diário de não fumar para que ela voltasse para casa, já curada.

Uma noite, meu marido estava sentado em uma poltrona e eu num pufe, assistindo um filme pela TV quando o telefone tocou. Meu marido atendeu e me disse que estavam pedindo para participarmos de uma corrente de oração por ela, que estava em coma.

Nervoso, ele acendeu um cigarro (nessa época, ele também fumava). Pedi então que me desse uma tragada várias vezes e ele negando sempre, perdeu a paciência e respondeu:

- Há cinco dias você não fuma, não vou colaborar para sua volta ao vício.

Raivosamente lhe respondi que se não me desse uma tragada, eu mesmo pegaria um dos seus cigarros para fumar.

- Faça como quiser, me disse ele.

Com mais raiva ainda, tentei levantar do pufe por três vezes enquanto intimamente e desesperada pedia a Jesus:

- Não me deixe pegar o cigarro, socorro, Jesus...

Não consegui levantar, não sei bem o que aconteceu, se dormi ou desmaiei. Horas depois, acordei com meu marido me chamando, dizendo que o filme havia acabado e já era tarde. Aturdida e confusa, pois não vira o filme acabar, tentei ordenar meus pensamentos quando me lembrei da última coisa que iria fazer: pegar o cigarro.

Aí aconteceu um milagre: senti um enjoo e um horror tão grande ao cigarro, que nunca mais tive vontade de fumar. Nem lembro que fumei por 23 anos, e há 22 que parei!

Fiquei "limpa" como queria, graças à misericórdia de meu Deus!

INEXPLICÁVEL

O site ACI publicou nesta sexta-feira (09/08/13), uma belíssima história verídica, na qual conta a experiência vivida pela jovem cristã Katie Lentz e os bombeiros que participaram de seu resgate, após ter sofrido um grave acidente em uma rodovia de Missouri, nos Estados Unidos.

Por este motivo, achamos interessante reproduzir este texto na íntegra.

“No último domingo, a jovem Katie Lentz sofreu um terrível acidente em uma rodovia de Missouri, nos Estados Unidos. Quando o pessoal de resgate já estava perdendo a esperança de poder retirá-la com vida do meio das ferragens retorcidas de seu automóvel, a jovem pediu para que todos “rezem em voz alta”; então, um sacerdote apareceu para ajudá-los a orar e logo desapareceu sem deixar rastro. O pessoal de resgate assegurou que com suas orações, o sacerdote os ajudou a recuperar a força que necessitavam para salvar Katie e agora, junto com os familiares e amigos da jovem, o procuraram para agradecer”.

Vale a pena ler a história completa: o curioso episódio ocupou várias páginas de importantes meios de comunicação nos Estados Unidos e alguns inclusive questionam se se tratou de uma pessoa real ou um ser celestial.

Os fatos ocorreram em 4 de agosto, dia em que a Igreja celebra a festa de São João Maria Vianney, padroeiro dos sacerdotes.

Nesta manhã, a estudante do segundo ano de odontologia da Universidade de Tulane, Katie Lentz, dirigia da casa de seus pais em Quincy, Illinois, Missouri (Estados Unidos), para uma igreja cristã para logo reunir-se com seus amigos e desenvolver um trabalho da universidade, quando bateu com força em outro veículo na rodovia próxima ao Centro. Seu automóvel ficou totalmente destruído.

A equipe de resgate liderada por Raymond Reed, chefe de bombeiros de New London, tratou por 45 minutos de libertar a jovem. Katie perdia seus sinais vitais, mas permanecia tranquila e se mantinha falando; alguns equipamentos de resgates quebraram pelo esforço e os bombeiros começaram a ficar sem opções de liberá-la.

Ao lado do automóvel sinistrado, um helicóptero esperava para transladá-la ao centro de emergência mais próximo. Os bombeiros sabiam que estavam sem tempo e não acreditavam que Lentz sobreviveria.

Em uma tentativa de salvá-la, correram o risco de colocar o veículo em posição vertical ainda sabendo que uma mudança repentina na pressão do corpo de Katie poderia ser crítico e perigoso. Foi então que a jovem perguntou se alguém podia rezar com ela “em voz alta”, e se escutou uma voz que disse -“eu o farei”.

O pessoal de resgate assegurou que quem respondeu ao pedido da jovem foi um sacerdote católico de contextura média e cabelo grisalho de 50 ou 60 anos de idade, pouco mais de 1.80m que vestia calças e camisa negras.

O bombeiro estranhou a presença do sacerdote, pois, por causa do acidente, a rodovia tinha sido fechada a três quilômetros do acidente e nenhum dos presentes o reconhecia. “Todos os presentes moramos em quatro cidades diferentes. Só temos uma igreja católica nos três povos e não era um sacerdote dessa igreja”.

Os bombeiros, sem exceção, ficaram de joelhos, “o sacerdote se aproximou da jovem e começou a rezar abertamente com ela. Tinha uma garrafa de óleo e a ungiu”, contou Reed. Outro dos bombeiros presentes diz que viu o sacerdote colocando o óleo também sobre Reed e sobre outros dois homens da equipe de resgate.

Imediatamente depois, 20 bombeiros moveram o automóvel e os sinais vitais de Lentz começaram a melhorar. Outras equipes de resgates de comunidades vizinhas começaram a chegar com novos instrumentos, conseguiram tirar a jovem e levá-la para a urgência do hospital.

Quando os bombeiros quiseram agradecer ao presbítero, deram-se conta que este já não estava, por isso pensaram que tinha ido para a sua igreja para dirigir os serviços dominicais.

- Estivemos procurando por ele porque o que queríamos fazer era agradecer- assinalou Reed. Entretanto, quando viram as fotos do acidente, em nenhuma delas aparece o sacerdote.

- Tenho 69 fotografias que foram tiradas minutos depois de que ocorreu o acidente – os observadores, a extração, nossa limpeza final – e em nenhuma aparece, disse Reed.

- Acho que é um milagre-, expressou Reed. Eu não sei se foi um anjo enviado a nós na forma de um sacerdote ou de um sacerdote que se converteu em nosso anjo; de qualquer maneira, estou bem com isso.

Lentz estava com o fêmur dos dois lados quebrados, uma fratura na tíbia e perônio, o punho esquerdo quebrado, nove costelas quebradas, o fígado dilacerado, ruptura de baço e um pulmão ferido. Até o momento sofreu duas cirurgias no Hospital de Blessing em Quincy, Illinois, e se submeterá a mais duas. Ela está respondendo bem às operações.

Carla Churchill Lentz, mãe da jovem e cristã devota, assinalou que os trabalhadores de emergência disseram que não era possível que a sua filha sobrevivesse e que “sem dúvida, seria um anjo vestido com traje de sacerdote porque a Bíblia nos diz que há anjos entre nós”.

Ela (Lentz) sofreu muitas lesões, entretanto, seu rosto está belo, seus dentes perfeitos, todos os que nos contataram, como o pessoal de emergência, a Patrulha do Estado de Missouri, os bombeiros, todos eles estão dizendo o mesmo, ela nunca chorava, ela nunca gritou, ela disse, ‘orem por mim e em voz alta’, assinalou a mãe.

Até o momento, ninguém sabe nada do sacerdote, a maneira como apareceu e desapareceu do lugar do acidente, mas todas as testemunhas coincidem em que o misterioso personagem transmitiu calma e paz com sua presença, fortaleceu através da oração a jovem e ao pessoal da equipe de resgate, devolvendo-lhes a esperança.

A DAMA DAS ROSAS

Hoje ele é octogenário, mas sempre lembra do acontecido quando tinha cerca de 7 anos: seu priminho adoecera gravemente e, num dia deveras inquietante, médico e família o assistiram diligentemente.

Menino que era, não entendia o quanto a morte rondava seu parente e agitava todos os circunstantes. Zanzava pela casa, até que sua mãe, grande devota de santa Terezinha, lhe ordenou:

- Norberto, vá ao meu quarto, olhe a imagem da santinha das rosas e lhe suplique pela saúde de seu primo.

Ele correu, obedecendo. Lá, admirou com atenção o quadro antigo com moldura trabalhada em alto-relevo. Permaneceu encantado com aquela moça bonita, parecendo que ela o olhava de volta. Não se recorda se rezou ou se apenas a contemplou por algum tempo.

O que permanece indelével na memória foi a entrada de sua mãe, espantada e reclamando da bagunça que o menino fizera. Travesseiros fora do lugar, criado-mudo arrastado, colcha engruvinhada, tapetinho do chão empelotado...

- O que significa isso, menino? Que desordem é essa? O que você fez?

- Ô mãe, eu estou procurando a rosa que a santinha deixou cair dos braços, de presente para mim!

BÊNÇÃOS GRATUITAS!

Sem méritos, mas por delicadeza e bondade das companheiras do Movimento Vida Ascendente* fui designada como coordenadora do grupo. Planejávamos peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida.

Faltava-me, na ocasião, total interesse para qualquer atividade, fosse para viajar, exercer liderança junto a um grupo de idosas cuja idade média era de 78 anos, participar de reuniões e muito menos para rezar. Também pudera! O sonho de minha vida prestes a se realizar estava implodindo por minha culpa, minha tão grande culpa!

Após imensos sacrifícios e muita renúncia tínhamos, meu marido e eu, conseguido alcançar a possibilidade de adquirir um imóvel para garantia nossa e do futuro dos filhos.

Movida pela ânsia, pela pressa, afobação em comprar o tal sonhado imóvel, imprudentemente, fechei negócio, sem a aprovação do marido, com a herdeira do apartamento vizinho sob a palavra dada de que todos os documentos estavam na mais perfeita ordem.

Efetuei o pagamento de cinquenta por cento do preço acordado colaborando com a herdeira para a compra de uma nova moradia. O dinheiro fora gasto.

Averiguando os papéis para a escritura, soubemos que o imóvel estava penhorado pelo INSS e, se vendido, o novo proprietário seria responsável por uma dívida três ou quatro vezes maior que o valor do apartamento.

Vários advogados foram consultados. Todos eles unânimes em afirmar que o caso levaria mais de uma década para ser resolvido.

- Década? Antes disso, morro! pensava eu.

Nesta terrível e angustiada situação, como encontrar ânimo para ir à Aparecida, se nem vontade de rezar existia? O abatimento era moral, espiritual, social, familiar, financeiro... total.

Mas fui.

Não quis entrar na igreja. Fiquei ali fora. Via o grande movimento e somente agradecia o tempo estar passando, o ‘serviço’ terminando e a hora do retorno se aproximando. Coisa difícil reunir o grupo. Idosas se distraem e se perdem com facilidade. Vi-me obrigada a entrar no santuário para buscá-las. No vai e vem da procura, muita gente na passarela, acabei por ficar frente a frente com a imagem de Nossa Senhora. ‘De mal’ com a Virgem e com Deus, nenhuma oração fiz. Alguém, no entanto, rezava a Salve Maria em voz bem alta e duas palavras ditas naquela oração chamaram minha atenção: advogada nossa! Acordei! Clamei: ADVOGADA MINHA!

Naquele momento, fiz a única oração do dia: ADVOGADA MINHA! Na mente e no coração constitui Nossa Senhora Aparecida como advogada minha num processo jurídico capaz de levar dez anos para ser resolvido.

O retorno foi tranquilo apesar do trânsito intenso. O cansaço tomou conta das idosas. Meu ânimo havia evoluído para aceitação...

Dia seguinte, cedo, em casa, chamam-me na portaria. Estranhei! Gente, era a herdeira, a senhora a quem eu havia pago cinquenta por cento do preço do apartamento.

Sem grandes explicações, disse-me apenas ter realizado um negócio que lhe rendeu o bastante para devolver-me o que eu lhe havia entregue como sinal. Desejava-me felicidades e sucesso em outra compra.

Já a fiz. Muito mais e melhor do que sonhei. Maria, ADVOGADA MINHA, foi comigo.

***Movimento Vida Ascendente é uma associação de pessoas idosas que se agrupam para viver a amizade, praticar o apostolado (caridade) e mutuamente se evangelizam.**

CINOMOSE

Até o nome da cachorra, Pluta, é uma gozação. Vira-lata de pelo negro brilhante. Feliz com a pouca idade. Irrequieta. Consoladora de minha nora e sua família, uma vez que o cachorro antigo estava velhinho, nas últimas. A cachorrinha resgatada da rua onde morava, foi adotada, já para ir preenchendo a lacuna que sentiam prematuramente pela anunciada morte do Tobi, o ancião canino.

Aconteceu que, após alguns dias de convivência, a Pluta apresentou a doença temida: cinomose. Toda a sua parte traseira paralisou. Refugiou-se na depressão do terreno, de onde a dona ia buscá-la para comer e beber, em intervalos de tempo, caminhada essa acompanhada pela tristeza com silenciosos e doloridos lamentos da cachorra.

O veterinário preconizara a data próxima do desenlace, então, a família abriu um buraco na chácara onde moravam, destinado a receber os restos, uma vez que a doença contagiosa poderia se espalhar.

*

A sogra, que não gostava de cachorro, ou de pelos espalhados, de limpar a caca deles no quintal etc., ao visitá-los, ficava sabendo que o veterinário não tinha coragem de sacrificá-la, nem a família o autorizava. E a Pluta piorando..., o Tobi definhando, e a tristeza da família aumentando...

*

Isso era penoso ao olhar dessa senhora, muito religiosa, na fé firme de que “tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vô-lo dará”. Lembrou-se também do Pobrezinho de Assis, são Francisco, que respeitava os animais...

Resolveu-se. Convidou os da casa para rezarem pela cura da Pluta. Imediatamente, se reuniram em volta dela, impondo as mãos.

No ar, a unção sobrevoava. Fez-se a súplica, iniciando com uma espécie de desculpas por incomodar a Deus por uma cachorrinha irracional. A oração aconteceu em poucas palavras espontâneas.

A sogra sentiu que algo começou a mudar no ânimo, na atmosfera e no lugar.

No dia seguinte cedo, o neto telefona, eufórico, comunicando que a cachorra mexera os “quartos” e as pernas e, muito trôpega ainda, tentava levantar. À tarde, outro contato, avisando que ela conseguia mexer o rabo de alegria, mas se desequilibrava... depois, que fora até o prato de ração se alimentar... A cada sucesso, a vó-sogra louvava a Deus. Nunca se imaginara intercedendo pela saúde de uma cadeliinha..., mas viu que a misericórdia divina agia também nesses casos...

O veterinário, chamado para assistir o Tobi, viera com a injeção que aliviaria a Pluta dos rigores da cinomose. Espantou-se demais, pois nunca vira cura dessa doença mortal. Para o bem da ciência, quis saber da dieta e dos medicamentos que a nora ministrara.

- Nós rezamos..., respondeu a inquirida.

O TERÇO

Ela é profundamente religiosa e todos os dias reza o terço a Nossa Senhora Aparecida e sempre procura incentivar outras pessoas a fazerem o mesmo. É surpreendente e comovente a fé que ela tem na Mãe de Jesus!

Assim, durante os anos em que lecionou, todo dia 12 de Outubro, dia das crianças e de Nossa Senhora Aparecida, ela distribuiu tercinhos a todos os seus alunos... Sua alegria era grande demais quando qualquer um deles, já adultos, ao encontrá-la, dizia possuir ainda o terço que ela lhe dera!

Há alguns anos, quando o Papa João Paulo esteve no Brasil, ele foi para Brasília e celebrou uma missa, e dela participara a Imprensa. Seu genro, jornalista, participou dessa missa.

No final, o Papa presenteou todos os presentes com um terço bento por ele.

O rapaz chegou em casa e contou que havia ganho o terço das mãos do Papa (embora sua própria mãe e esposa estivessem lá), ele lhe disse:

- Este é um presente para a senhora! - e entregou o terço nas mãos de minha amiga.

Ela desabou em prantos porque era dia 12 de outubro!

Nossa Senhora Aparecida lhe mandara naquele dia, o seu presente predileto...

DURANTE O TERÇO

Começou a se acomodar para a reza do terço do rosário às 18h, seu costume devocionário. Nessa hora, com as pernas cansadas, procurava a espreguiçadeira para esticá-las, enquanto se ligava no que a apresentadora da televisão dizia, para que o clima de oração a concentrasse.

A “puxadora” do terço exortava a que todos se tornassem filhos de Maria, como Jesus era. Que nós nos assemelhássemos a Ele no semblante, nas atitudes, no corpo, na bondade, na misericórdia...

A devota ouvia atenta, mas pensou: eu tento me assemelhar a Ele, mas meu estômago é diametralmente oposto à ideia que faço desse homem-Deus em quem todo o organismo funcionaria como um relógio suíço. Meu refluxo não dá trégua há tanto tempo, a dificuldade de engolir, a saliva noturna perturba, os travesseiros altíssimos, a cama com calções na cabeceira incomodam demais da conta... Nunca vou parecer com Ele...

Sorrindo do pensamento dela mesma, foi acompanhando a reza mariana, se abstraindo das bobagens da cabeça.

Jantou pouco, como convinha ao estômago temperamental; ficou assistindo ao noticiário da TV, tudo igualzinho ao costume doméstico. Na hora oportuna, foi se deitar, desejando a si mesma uma noitada tranquila, sem os rigores da doença digestiva. O sono veio logo, contrariando o habitual.

Aos clarões fortes do sol goiano em sua janela, abriu os olhos e imediatamente louvou o Criador que lhe presenteava mais um dia. No mesmo instante, percebendo sua posição no leito, sentiu um arrepio incrível! Estava acordando de bruços, abraçando e babando no travesseiro fino e macio, hábitos antigos e gostosos. A boca fresca, o esôfago vazio, sem ardor na garganta provocado pelo ácido suco gástrico que “passeava”. Que maravilha! Mas, o quê acontecera? O que havia comido na janta da véspera, que estimulara e facilitara a digestão?

Ainda abraçada ao travesseiro, lembrou-se da ousadia do comentário telepático com o Redentor ao cair da tarde, na hora mariana do terço. Deu-se conta de que Jesus aproveitou a comparação jocosa e respondeu-lhe com uma graça de graça, fazendo uma espécie de graça com sua devota.

Levantou-se e tomou posse da cura, feliz da vida.

Curou-se para sempre do refluxo, imagine, nem tinha pedido nada, só reconhecera estar muito longe de parecer com o filho de Maria Santíssima. Quanta delicadeza dos seus amores místicos!

Louvado seja Deus! Jesus! Espírito Santo!
E Maria!

ÁGUA DE POÇO

O forte rapaz sentou-se no banco do motorista com a pica-pele repleta de frascos de várias capacidades, vazios e limpos, prontos para serem cheios.

Ligou o motor, iniciando o trajeto até a bica d'água distante de sua casa uns 800m. Cada 2 ou 3 dias, o mesmo trabalho de captar o indispensável líquido para a sobrevivência: preparar comida, lavagem de roupas, higiene pessoal, limpeza dos banheiros e chão etc. O poço de quase 30m de fundura permanecia seco na sua residência havia cerca de 2 anos.

Retornou à moradia da roça com o motor rateando do muito esforço pelo porte do peso, enfrentando a subida. Lá, nova empreita: descarregar e distribuir pelos cômodos os galões correspondentes.

Muito sacrifício! Nessa hora, pensava em largar a casa que construía, baldeando água, sempre na esperança de que o poço fundo coletasse água. Nem em tempo de chuva, nem em tempo de estiagem. A esperança ia se desgastando.

Contratou um “descobridor” que percorreu o terreno com a forquilha que deveria vergar pressentindo o veio aquoso... e nada...

No terreno em limite com o seu, o irmão pretendia construir, mas hesitava, vendo toda a trabalhadeira e as torneiras teimosamente secas.

Alguém aconselhou e insistiu: -afunde mais o poço-. A contragosto, pois nutria o medo de que alguém se acidentasse no perigoso afazer, contratou o especialista poceiro, que foi descendo no buracão, assessorado por outro homem, que retirava a terra do fundo, que subia apenas úmida. Alguns metros mais baixo... e o mesmo resultado.

No dia da festa de santo Antônio, 13 de junho, a visita da matriarca da família, mãe tão religiosa que “escandalizava” seus pares. Com olhos de quem enxerga além, ela avaliou que as pás manejadas não resolveriam o problema. Precisavam de Alguém que pudesse dar

ordens às águas. Bem quieta, meditava ao lado do poço, cercada pelos familiares próximos, sobre a solução do problema.

Com a certeza da fé, convidou todos para se ajoelharem no chão onde se achavam, na bagunça de terra revolvida. Um dos filhos não se ajoelhou, mas se encostou numa árvore, tendo o semblante cético e preocupado.

Ela inclinou a cabeça humildemente e o coração ditou palavras das quais lembra apenas de que solicitou a intercessão poderosa da mãe de Jesus que, em todas as aparições, fazia nascer água ou abençoava a já existente. Suplicou que naquele instante, mandasse os anjos abrirem um canal subterrâneo para desaguar no poço. Agradeceu antecipadamente, louvando a Deus pelo trabalho dos anjos. Na fé, sabia que a graça estaria a caminho.

A oração não durou mais do que 5 minutos.

O poço, antes sequinho, anunciou um bocadinho do líquido, o volume de uma caneca, talvez...; alguém comentou: - vamos ver...

A tarde iria findar logo, então, se dispersaram. A rezadeira chegou em sua própria residência e, às 20 horas, teve vontade de telefonar à nora para ter alguma notícia. Refreou a tentação, brigando consigo mesma: - que fé é essa? – se rezamos, se é promessa divina atender aos que pedem, pronto, aconteceu.

Às 20h 30min, novamente a curiosidade e a autorrepreensão. Foi-se repetindo o desejo a cada meia hora, e ela se reprimindo, se contendo.

Transcorreu a noite, raiou novo dia, até que ao meio-dia, ela chamou a nora por telefone e ouviu a resposta entusiasmada:

- Tá transbordando, jorrando água deliciosa e limpinha em todas as torneiras, chuveiros, caixas... Uma maravilha!!! Parece água do céu!!!! Deus seja louvado!!!!

O PADRE

Ela fazia uma excursão com algumas amigas de sua cidade, por vários países da Europa. Dois padres da diocese as acompanhavam.

Um dia, um deles sentou ao lado dela durante uma refeição e conversavam quando ele contou muito emocionado, um fato acontecido quando ele acabara de ser ordenado e foi enviado para cuidar de uma pequena paróquia: sua mãe que fora operada de uma doença grave, recebera alta. Ele não tinha com quem deixá-la; estando ela ainda muito mal, então, levou-a para a casa paroquial.

Cuidou dela como pode, mas ela não reagia. Chegou a hora da missa e ele nesse impasse: deixar a mãe sozinha, indo celebrar a missa ou deixar os paroquianos sem missa.

Recomendou a mãe a Deus e foi para a Igreja muito preocupado. Quando fazia a Consagração, uma voz lhe disse:

- CUIDA DOS MEUS QUE EU CUIDO DOS TEUS.

Terminada a missa, correu para casa, e surpreendentemente: sua mãe estava acordada, sentada na cama e falando...

Quando terminou, ele chorava copiosamente e sua ouvinte também!

A VELA

Ele teria mais ou menos dois anos de idade quando perdeu a mãe. Algum tempo depois, o pai casou novamente. Moravam nos arrabaldes da cidade e ele teria uns nove anos quando sonhou com a mãe de quem mal lembrava. No sonho, ela pediu que ele acendesse uma vela para ela. De manhã cedinho, saiu para comprar uma vela. O pai tinha nos fundos da casa uma espécie de celeiro onde guardava muitas coisas.

O menino, não querendo contar a ninguém o que ia fazer, acendeu a vela num cantinho meio escondido e mentalmente ofereceu a vela para o descanso eterno da mãe. E se encaminhou para casa.

No caminho, lembrou que ali tinha muita coisa que podia pegar fogo, então, voltou correndo para trocá-la de lugar.

Mas, cadê a vela? Tinha sumido e não havia ninguém na casa que pudesse ter pegado.

NOSSA SENHORA NA MINHA SALA

Só quem se casou acreditando ficar para sempre juntos e passou por uma separação é que realmente pode avaliar o tamanho da dor e desespero que a acompanha.

Na primeira vez, após um casamento feliz de 20 anos, minha terapeuta me alertou que quase cheguei à loucura, pois tinha perdido a mim mesma e ia ter que fazer o duro trabalho de me reencontrar. 2007.

Lembro que eu chorava sempre que entrava em uma loja de artigos domésticos. Bastava ver copos, vasos, toalhas e eu caía no choro, lá mesmo, na loja. Também chorava no supermercado. Pensava: nunca mais terei minha família e minha casa... Tudo está destruído agora, tudo o que sonhei e construí...

Consegui refazer minha vida com a ajuda de meus pais, irmãs, meus 2 filhos e uns poucos, muito poucos amigos que ficaram por perto.

Casei-me a segunda vez - 2008. Aconteceu de reencontrar um amor de infância. Após 4 anos foi impossível prosseguirmos juntos.

Aconteceu então minha segunda separação. 2012.

Todo o turbilhão de novo... O choro vinha e me invadia sem controle em qualquer lugar e eu não conseguia ficar só após as 18h, ao sair do trabalho; entrava quase em desespero de tamanha angústia.

Ia, então, direto do trabalho para onde pudesse: casa dos meus pais, casa de um irmão, casa de amigas, ia rezar, busquei todo tipo de ajuda espiritual disponível, dormia nessas casas, cada noite em uma, para não incomodar demais, pois o sofrimento era meu e eu era péssima companhia na época, eu sabia.

Meus pais chegaram a me levar ao supermercado para eu conseguir fazer algumas compras.

Nesta época, meus 2 filhos já faziam faculdade e moravam em outras cidades. Eu estava absolutamente só em casa, pela primeira vez desde meus 23 anos. Eu tinha 48 anos.

Depois de um bom tempo assim, resolvi enfrentar a ida para casa às 18h e aguentar firme. Essa era minha nova realidade e eu teria que “dar um jeito”.

Algumas noites fiquei lá, e fui percebendo que a angústia durava das 18h às 20:30h mais ou menos e que então vinha o cansaço pelo estresse, eu ia me acalmando e dormia.

Nesse período, eu ligava a TV e o Facebook e conversava com quem estivesse online, qualquer coisa que pudesse me distrair. Lia artigos, piadinhas, autoajuda do face e o tempo ia passando, mas a angústia estava lá, forte, muito forte, eu quase saía correndo de casa e junto eu sentia a dor física do coração apertado. E a TV falava sozinha, mas era alguém falando.

Uma noite, nada de conexão na internet. A TV não conseguia me distrair (nunca conseguiu). Meu desespero foi crescendo, tentava conectar mil vezes, zapeava a TV em mais de 100 canais. Nada. Eu achei que não ia aguentar.

Foi quando de repente, olhando para o computador, eu comecei a sentir devagarzinho, aos poucos, uma paz imensa ir tomando conta de mim, paz cheia de alegria. Alegria diferente da que eu já senti tantas vezes, essa era genuína, leve e cheia de paz, muita paz e equilíbrio. Eu estava FELIZ! Impossível descrever essa felicidade, nunca a sentimos da forma que eu senti naquele momento.

Estranhei a sensação e, devagar, fui levantando o olhar, olhando ao meu redor, pensando que eram meus anjinhos, procurava por eles. Aí, eu fui percebendo que não eram anjinhos, era Nossa Senhora que estava ali, ao lado da minha lareira, bem alta, emanava de si um azul bem claro e aquela paz e alegria vinham dali. Eu não a vi, mas eu a vi, se é que dá para entender.

Saboreei a sensação divina, que eu nunca tinha sentido aqui na terra e, devagarzinho, fui desligando tudo e me dei o comando:

- Aproveita para dormir, minha querida.

É, eu me chamo de querida quando falo comigo mesma...

No dia seguinte, fui trabalhar e meus pais foram me buscar na hora do almoço. Eles sabiam que era muito dolorido pra mim almoçar sozinha.

Contei pra eles o que tinha acontecido na noite anterior. Minha mãe começou a chorar ali mesmo no restaurante e me contou:

- Filha, sabe o que eu e teu pai fazíamos ontem à noite?

- Às seis horas estávamos rezando os mistérios gozosos do terço com a Canção Nova na TV e a apresentadora falou que Nossa Senhora tinha o poder de visitar muitas pessoas ao mesmo tempo e que se a gente soubesse de alguém que estava precisando de uma visita dela, que rezássemos o terço nesta intenção.

- Eu virei para o teu pai e falei:

- Vamos rezar este terço para Nossa Senhora visitar nossa filha?

Choramos os três no restaurante.

Eu pedi à minha mãe uma imagem de Nossa Senhora, pois nunca tive nenhuma em casa nem era devota dela. Mas, dentro da minha chatice, que fosse só Nossa Senhora, sem “sobrenome” ou local onde apareceu, porque quem foi na minha casa foi Nossa Senhora e ponto e minha mãe saberia onde encontrar uma imagem de Nossa Senhora (ponto).

Minha mãe procurou-a em muitas lojas.

Hoje está lá na minha sala a Nossa Senhora do Sorriso.

Moram comigo, ela e o sorriso.

ASSALTO E PROTEÇÃO DIVINA

Era dia 06 de novembro de 2012. Após trabalhar no período da manhã, no horário do almoço, resolvi ir à Igreja do Bom Parto, em Bragança Paulista, para rezar, porque lá é um local de Adoração, onde o Santíssimo fica exposto durante o dia.

Quando cheguei à igreja, estava estacionando e ao tirar a chave da ignição, percebi que dois jovens se aproximavam e um deles chegou ao lado da porta do carro, do meu lado (motorista), levantou a camiseta e me mostrou uma arma na cintura. Abriu a porta do carro, pegou a chave da minha mão e me mandou passar para o banco do carona.

Eu segurava o terço na mão esquerda e lhe disse que eu tinha ido lá para rezar, enquanto ele insistia comigo para que eu passasse para o lado. Eu não conseguia por causa do console do carro, separando os bancos. Nesse momento que estávamos discutindo, ele tirou o revólver da cintura e deu um tiro para o chão; somente nesse momento me convenci de que a arma era de verdade. Tremi. Puxei a porta e a fechei.

Então, ele colocou a arma no vidro do meu lado, apontou-a para mim, dizendo que ia me matar, que ia atirar.

Eu estava sentada dentro do carro e não tinha como sair ou fugir, naquele momento. Eu pensei então: - que seja o que Deus quiser, já não posso fazer nada!

Ainda segurava o terço. Percebi que ele atirou, não entendi o porquê da arma ter falhado. Aí, ele saiu andando. Depois de alguns metros, ele jogou a chave do carro no chão.

Nesse momento, saí do carro, gritando:

- Pega, pega ladrão!!!!

Fui buscar as chaves e me encaminhei ao posto de combustíveis situado defronte ao local, onde me perguntaram se eu estava bem....e os funcionários do local me informaram que a Polícia já tinha

passado por ali e estava seguindo os rapazes.

Peguei meu carro e, na esquina de uma rua sem saída, vi que a Polícia já estava com um deles algemado. Pediram-me para ir à Delegacia para que fosse possível fazer a prisão do rapaz em flagrante.

Ao chegar na Delegacia, fui informada que eles já tinham cometido outras tentativas de assalto, tentativa de sequestro relâmpago, sendo que uma delas ocorreu no mesmo dia pela manhã, cuja vítima também os reconheceu.

Acredito que recebi uma grande proteção divina e sou muito grata por estar viva e poder ser uma pessoa melhor e ainda posso amar a Deus Pai que me ama imensamente.

Tenho a certeza que Nossa Senhora me cobriu com o seu manto e atenuou as consequências desta situação e olhou para mim com um imenso carinho de Mãe.

Assim só possuo uma imensa gratidão por tudo o que aconteceu e pelo que não aconteceu, por não ter sofrido fisicamente. Nada pior e traumático do que um susto desse tipo. Nada mais consolador do que sentir-se protegida pela misericórdia de Deus.

*

Sinto uma grande tristeza de ver jovens, que talvez não tiveram a oportunidade de conhecer a Deus, de Quem eles também são filhos e seguem pelos caminhos do mal e do crime.

Os caminhos do Senhor são difíceis, e a “porta é estreita” e exige que cada um de nós tome uma atitude e O siga, cumpra os preceitos e, mais ainda, se esforce para colocá-los em prática, pois o Evangelho é sempre atual e é possível vivê-lo no nosso dia-a-dia.

Só assim poderemos enxergar uma mudança nesse mundo tão conturbado e carente, carente de amor, carente de Deus.

A RESPOSTA DE DEUS

Tudo começou quando tive uma hemorragia e desmaiei, sendo levada às pressas para o hospital com pressão muito baixa, já com as unhas roxas. Lá foi constatado que eu tivera um aborto espontâneo. Não sabia que estava grávida.

Tomei anestesia, a “famosa raquidiana” para fazer a curetagem e aí complicou tudo. Tive uma forte dor de cabeça, que não tinha o que passasse. Fiquei um mês no hospital: tinha alta, mas no dia seguinte voltava, por causa da dor. Tomei cortisona, morfina, tiraram líquido da espinha, fizeram arterioscopia e não descobriram nada. Depois de um mês, ainda continuei com dor, que só foi diminuindo lentamente, muito tempo depois.

Posteriormente em uma consulta, o médico disse-me que não poderia mais engravidar, com risco de morte. Em vista disso, tomei anticoncepcionais de forma contínua e qual não foi minha surpresa, nove meses depois desse aborto, constatar gravidez.

Entre em pânico! Voltei ao médico e ele falou que não poderia levar adiante. Fizeram junta médica e decidiram pelo aborto, que deveria ser feito em São Paulo.

Tive medo.

Fiz de tudo para que acontecesse normalmente: tomei muito chá, pulei corda. Nada!

Esse procedimento não poderia ser feito em minha cidade, óbvio, porque a notícia correria. Indicaram uma clínica em São Paulo e foi marcado o dia.

Pedi a uma amiga muito querida que me acompanhasse, juntamente com meu marido, para esse procedimento. Ela relutou, dizendo que era muito católica e que não queria ir. Insisti muito, alegando que não tinha mãe e precisava de uma companhia, para me dar força. Ela aceitou.

Na véspera do dia marcado, orei fervorosamente pedindo orientação, pois estava perdida. Que eu sonhasse com meu anjo, ou que

viesse qualquer resposta de qualquer forma durante a noite, para que eu tivesse a confirmação se deveria ir ou não, para consumir o ato.

Amanheceu, levantei-me revoltada, descrente de tudo. Não sonhei, não aconteceu nada!

Chegamos a São Paulo, fomos à clínica e confirmamos que seria ao meio-dia, mas que eu não poderia comer nada.

A amiga e meu marido foram a uma padaria perto, para um café. Não fui porque não poderia me alimentar.

Lá, enquanto comiam, ela perguntou o que ele achava do que íamos fazer. Respondeu-lhe ele que era orientação dos médicos, porque caso levasse a gravidez adiante, correria alto risco de morte e eu tinha uma filha pequena que precisava de mim.

Ela argumentou que eu poderia também morrer durante o procedimento do aborto, que seria feito com anestesia e nesse caso, o que seria preferível dizer à minha filha:

- Sua mãe morreu fazendo aborto ou: sua mãe morreu durante a gravidez?

Quando voltaram, ela falou comigo usando o mesmo argumento, ainda acrescentando que eu poderia morar temporariamente em sua casa, já que era sozinha, durante os meses da gestação, para maior tranquilidade, visto que meu marido tinha um gênio difícil.

Refleti durante uns minutos. Estávamos na sala de espera e quase na hora de entrar no centro cirúrgico, disse a eles:

- Vamos embora já!

E não avisei ninguém da clínica sobre a desistência.

Não foi fácil a gravidez; aliás, foi muito sofrida, pelos motivos já esclarecidos. Resolvi que ficaria em minha casa, mas essa querida amiga esteve sempre comigo.

Deus não nos deixa sem resposta. Pode não ser no tempo que esperamos, mas ela vem, seja de que forma for. Ele atende nossa prece!

Meu filho foi retirado antes de completar o tempo, assim que foi possível, para que não fosse prejudicado em nada. Nasceu saudável.

A amiga faleceu anos depois. Eu a abençoo e oro por ela

sempre, porque foi o instrumento de Deus em minha vida.

Meu filho é pessoa maravilhosa! Muito querido por todos que convivem com ele. Deus me abençoou muito, muito! Sua vida é dedicada à família, à igreja, ao trabalho profissional e aos trabalhos voluntários.

Sempre penso no ato que ia cometer: além de truncar uma vida, iria alterar toda a história futura, tudo que se realizou e acontece a partir de sua vida: comunidade, família, descendência... enfim, tudo.

Rendo graças a Deus, à amiga, ao Universo, aos anjos, pelo magnífico presente!

Sempre, enquanto viver!

AJUDA CELESTIAL

Com o avançar do crepúsculo, as saudades começaram a crescer demais. A mente ia perdendo o controle das emoções e o pai inconsolável tentava, de algum jeito, minimizar a disparada dos batimentos cardíacos. Um calor insuportável apossou-se de seu corpo. Teve medo. Medo da subida de pressão arterial, tão perigosa, causadora de infarto ou derrame... Andava de um lado para o outro, atravessando a sala, entrando e saindo da cozinha, ia para a janela, voltava à porta, jogava-se na cama, levantava-se, até que, com um grito abafado, liberou as lágrimas. E elas vieram, copiosas, lavando o rosto paterno. Não trouxeram alívio e sim, mais calor, mais disritmia, mais medo. Pranteava a filhinha morta. Lamentava-se em altos brados, ora com tristeza, ora com raiva. Era o fim de uma sexta-feira, volta do trabalho, com a perspectiva de fim de semana sem a garotinha. No decorrer dos afazeres profissionais, ocupando-se com estafante serviço, conseguia sublimar o sentimento cruel. Ao se avizinhar a folga, a saudade vinha avassaladora.

Não fora mais ao campo de aviação, onde o curso de piloto se aproximava do término, quando receberia a paixão de toda uma vida: o brevê. Desistira. Não era mais capaz de voar, de se dar prazer. O sofrimento impedia qualquer ação. Em desespero, ele clamou por Deus. Implorou por ajuda. Clamava do fundo do abismo, como o salmista. E continuou a andança, tropeçou no tapete, recuperou o equilíbrio, como ébrio raivoso. Chegou perto da estante repleta de livros sobre variados assuntos. Sem perceber conscientemente seu gesto, escolheu um livro, à revelia. Abriu-o, sem ver nada, pois os olhos se fizeram cegos por tantas lágrimas. Um pedaço de papel-cartão caiu dentre as páginas. Pegou-o do chão e viu um bilhete em cartolina alaranjada, escrito pela filha com letrinhas trêmulas de quem era recém-alfabetizada.

Chorou mais forte ainda. Dessa vez, no entanto, de surpresa, de gratidão, de consolo. Pouco a pouco, recuperou-se e alçou voo para

a conformidade.

